

“O LÁBARO”

PENSAMENTO GLOBAL, AÇÃO LOCAL

WWW.JORNALOLABARO.COM.BR

20 DE NOVEMBRO:
PARACATU EM CONSCIÊNCIA,
ARTE E ANCESTRALIDADE.

Página 4

25 DE NOVEMBRO:
O BRASIL NÃO PODE MAIS NATURALIZAR
O FEMINICÍDIO.

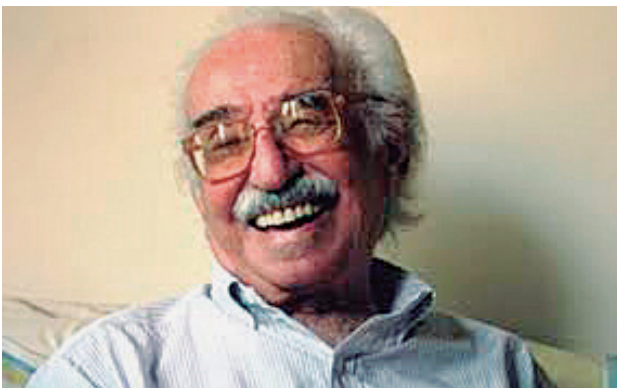
Página 5

NATAL ILUMINADO 2025: PARACATU
INAUGURA A VILA DO PAPAI NOEL EM
NOITE DE LUZ, POESIA E UNIÃO.

Página 10

Manoel de Barros se conecta com o fim de ano

A incompletude que nos move: quando o ciclo que termina abre espaço para novos começos



O fim do ano chega como quem sopra poeira antiga das prateleiras do tempo. Convida a um balanço íntimo: o que fizemos, o que deixamos por fazer, o que ainda pulsa esperando a sua vez. Há nessa pausa um silêncio que ensina, e nele ecoa Manoel de Barros, com sua verdade tão simples quanto profunda: “A maior riqueza do homem é sua incompletude.”

Num período em que tudo parece exigir fechamento, contas, metas, ciclos, Barros nos lembra que é justamente o que falta que nos impulsiona. É o inacabado que nos chama adiante. Somos feitos de frestas, de vazios que pedem novas histórias. Não concluímos porque estamos sempre em construção.

Ao buscar ser “outros”, como dizia o poeta, abrimos espaço para a reinvenção. O fim de ano, então, deixa de ser apenas encerramento: transforma-se em convite. Um chamado para olhar o que fomos com ternura, aceitar o que faltou com brandura e abrir espaço para o que ainda pode nascer.

Que 2025, ou qualquer novo ano, encontre em nós essa coragem delicada da incompletude. Que possamos recomeçar muitas vezes, sendo sempre um pouco menos do que esperam e um pouco mais do que sonhamos.



A história
é essa,
é nossa

Boas
festas!

Neste fim de ano, celebramos as histórias que construímos juntos(as), cheias de encanto, **pertencimento** e **conquistas**.

Que 2026 traga novos capítulos dessa parceria que tanto nos orgulha.

Quando o calendário convida à reflexão

Entre o que fomos e o que desejamos ser em 2026



À medida que 2025 se despede de nós, estendendo suas últimas horas como quem entrega um aprendizado nas mãos do tempo, cresce também a necessidade de refletir sobre o caminho percorrido. Foram dias de conquistas e tropeços, de descobertas e desafios que moldaram não apenas a rotina, mas a própria forma como enxergamos o mundo.

É talvez seja por isso que a célebre percepção de Carlos Drummond de Andrade ecoe com tanta força neste momento: “Quem teve a ideia de cortar o tempo em fatias, a que se deu o nome de ano, foi um indivíduo genial. Industrializou a esperança, fazendo-a funcionar no limite da exaustão. Doze meses dão para qualquer ser humano se cansar e entregar os pontos. Ai entra o milagre da renovação e tudo começa outra vez, com outra numeração e outra vontade de construir.”

Sim, o milagre da renovação. É nele que repousa a travessia para um novo ano, essa porta simbólica onde depositamos esperanças íntimas e projetos coletivos. O que se deseja para 2026 nasce dessa mistura: um sopro de expectativa, um pacto silencioso com o futuro.

Deseja-se, antes de tudo, paz. Uma paz que ultrapasse fronteiras e dissolva tensões, permitindo que nações dialoguem mais e se enfrentem menos.

Deseja-se saúde, física e emocional, e sistemas que acolham em vez de excluir.

Deseja-se prosperidade econômica,

mas com justiça social, com oportunidades que alcancem mais mãos, que criem pontes em vez de abismos.

Deseja-se sustentabilidade ambiental, porque o planeta já não grita, ele implora, por cuidado.

Deseja-se, ainda, desenvolvimento pessoal, num tempo em que aprender, crescer, experimentar e estar com quem amamos tornou-se tão urgente quanto respirar.

No fundo, a humanidade deseja que 2026 seja um ano de equilíbrio e harmonia, um território onde cada pessoa possa prosperar com dignidade, segurança e liberdade.

Mas 2026 não será apenas um novo ciclo. Será também um ano político, um ano de escolhas que moldarão destinos: presidente, governadores, senadores, deputados. Cada voto carregará não só opinião, mas responsabilidade.

Por isso, é preciso atenção. É preciso lucidez. É preciso olhar para além dos discursos fáceis, reconhecer projetos reais, identificar compromissos autênticos. Escolher bem não é apenas um ato democrático, é um gesto de cuidado com o país que queremos construir.

Que 2026 venha com coragem, consciência e poesia. E que nós saibamos honrar o futuro com as escolhas que ele merece.

A Editora

**Feliz Natal! A sua parceria é o nosso maior presente.
Que o novo ano seja repleto de prosperidade!**

**QUALIDADE, CONFIANÇA
E BOM ATENDIMENTO**

ELETRO NEIVA

**O que há de melhor
em materiais elétricos
e iluminação!**

**Não feche nenhum
orçamento antes
de passar aqui!
#cobrimos ofertas**

3671.1435 - 9 9845.6096

Rua Josino Valadares, 131 - Centro - Paracatu

Do amor simples, a grandeza de uma família

O legado de Américo e Alice celebrado em mais um Encontro da Família Avelar



Há histórias que crescem como árvores antigas: lançam raízes profundas e erguem galhos que abraçam gerações. Assim nasceu a Família Avelar, entre fé, trabalho e um amor que nunca se deixou intimidar pelas diferenças. Em Paracatu, esse legado continua vivo, multiplicado em vidas, memórias e reencontros.

“Era uma vez uma grande família. A família Avelar!”

Por Silvano Avelar

Tudo começou com a união de Américo e Alice. Ele, negro, da cidade de Unaí, oriundo do meio rural e humilde. Ela, branca, de Paracatu, de origem urbana, letrada e religiosa. De mundos, cores e formações diferentes, a diversidade banhada pelo amor falou mais alto: casaram-se e, desta união, vieram dezesseis filhos.

Paulo, Francisco, Nilza, Rui, José, Marly, Maria Helena, Neuza, Jésus, Jesualdo, Carlos, Silvano, Antônio Alberto, Maria do Carmo, Mário e Ângela. Isso mesmo: dezesseis filhos. Destes 16, cinco já se foram. Restam onze. Essa é a matemática de uma família que traz como genitora uma fortaleza de mulher, corpo aparentemente frágil, mas mente privilegiada e fé inabalável: Alice, a mãe dos dezesseis. E que dizer do pai dos 16, Américo, também de corpo franzino,

mas de força gigante, que madrugava, pegava seu velho caminhão e trabalhava de sol a sol para cuidar de todos eles.

Na casinha humilde, nunca faltavam carinho e comida. As dificuldades eram vencidas com fé e trabalho. Os mais velhos começavam a trabalhar cedo, sem nunca deixar de estudar. De dia, o esforço; à noite, os cadernos. Imagine uma casa com tantos filhos! O burburinho na hora das refeições, as despedidas ao apagar da lamparina, os causos contados ao redor das fogueiras de Santo Antônio e São João, a devoção a Nossa Senhora Aparecida.

Mas não faltou força nem fé para que a família continuasse a crescer. Dezesseis filhos... e hoje, mais de cem descendentes diretos e indiretos da família Avelar. Multiplicados pelo amor e fortalecidos pela fé daquela mãe, formaram novos núcleos familiares. A semente e a raiz dessa árvore frondosa se multiplicaram em galhos fortes e frutos bons: filhos, noras, genros, netos, bisnetos e tataranetos.

E são também considerados parte desta família Ditinha e João Albino que, com seus filhos, sempre estiveram presentes, como irmãos de alma e afeto.

É com alegria que hoje celebramos mais este Encontro da Família Avelar, agradecendo a Deus por tudo.

Viva Alice! Viva Américo! Viva todos da Família Avelar!”



EXPEDIENTE

Editora: Uldicéia Rigueti
Contato: Fone: (38) 99915-4652
E-mail: uldiceiaoliveira@hotmail.com
Jornalista Responsável:
Uldicéia Oliveira Rigueti
Registro Profissional: 0021336/MG

Conselho Editorial:
Uldiele Oliveira Rigueti
Clara Oliveira Rigueti
Impressão:
Gráfica & Editora Vale Flamboyant Ltda
Rua Marechal Mascarenhas de Moraes, 485

Parque Residencial Lagoinha
CEP- 14095120 - Ribeirão Preto/ SP
CNPJ 21.238.607/0001-84
Diagramação:
Alexandre Sasdelli
xandesasdelli@gmail.com

Os textos devidamente assinados são de responsabilidade de seus autores e não correspondem necessariamente à opinião do jornal.

Ligue e Denuncie
A pintura é de autoria de Santana Rubinger (Zé Batata)

Literatura na Praça: quando a cidade aprende a ler com o coração

Leitura com afeto transforma a Praça Governador Magalhães Pinto em palco de vozes, memórias, poesia e resistência



“A leitura do mundo precede a leitura da palavra.”

Paulo Freire

Na tarde que avançou até a noite da quarta-feira, 26 de novembro, a Praça Governador Magalhães Pinto deixou de ser apenas um espaço de passagem e convivência para se transformar em território de encantamento, escuta e partilha. Em frente à Escola Estadual Antônio Carlos, o chão ganhou cores, os versos encontraram o vento e a literatura tomou forma, voz e movimento com o projeto “Literatura na Praça – Leitura com Afeto”.

Ali, ao ar livre, a palavra cumpriu sua vocação mais profunda: não ser apenas lida, mas sentida. Porque ler, como ensinou Paulo Freire, é compreender o mundo, e naquele cenário as histórias passaram a integrar o espaço coletivo com delicadeza, reflexão e identidade.

A abertura oficial, conduzida pela diretora Maria Inês Fiúza Oliveira, marcou o início de uma jornada de sensibilidade e pensamento crítico. A participação de alguns imortais da Academia de Letras do Noroeste de Minas deu ainda mais brilho ao evento, criando uma ponte simbólica entre a tradição literária e as novas gerações que estão se formando.

O Sesc em Minas, por meio do Sesc Paracatu, reforçou sua presença e compromisso com a formação cultural, educativa e cidadã. Atuando em rede para ampliar seus serviços e alcançar mais pessoas, a instituição fortalece suas ações por meio do Rede Sesc de Ação Comunitária. A Credencial Sesc, vista como um verdadeiro “passaporte” para o acesso aos serviços, conecta usuários em todo o estado e, na modalidade plena, em todo o país, reafirmando que cultura, lazer e educação são direitos sociais que devem ser compartilhados.

Na sequência, os alunos do 3º 02, orientados pela professora Daniela, emocionaram o público com o poema dramatizado “A Paz”, lembrando que a literatura também é semente de esperança em tempos de conflito e que cada verso pode ser um chamado à humanidade.

A praça se tornou um “livro vivo” quando as professoras Charlene e Karla, ao lado de autores paracatuenses, conduziram um diálogo que evidenciou uma verdade essencial: a literatura não se restringe aos grandes centros ou aos nomes consagrados dos livros didáticos, ela pulsa nas ruas de Paracatu, na memória de seu povo e no olhar de quem escreve sua própria história.

Os alunos do 7º ano, com a peça “O

Menino que Tinha Rabo de Cachorro”, abordaram temas como preconceito, identidade e aceitação. Em seguida, estudantes do 6º ano resgataram tradições com “Escravos de Jó”, lembrando que cantigas também são narrativas que atravessam gerações.

A força política da palavra se intensificou com a apresentação de “A Revolução dos Bichos”, sob coordenação das professoras Elany e Daniela, e com a leitura impactante de “Gritaram-me Negra”, que ecoou como afirmação de identidade, resistência e valorização da negritude.

No momento do SLAM, a juventude transformou a praça em microfone aberto: versos nascidos das vivências, das periferias, das dores e dos sonhos revelaram que a poesia também mora no cotidiano, na pele e na coragem de existir e dizer.

A leveza do “Sítio do Picapau Amarelo”, apresentado em forma de dança, trouxe o imaginário infantil para o centro do evento. E os Aedos e Violeiros encerraram a programação lembrando que a literatura nasce da oralidade, da música e do encontro coletivo.

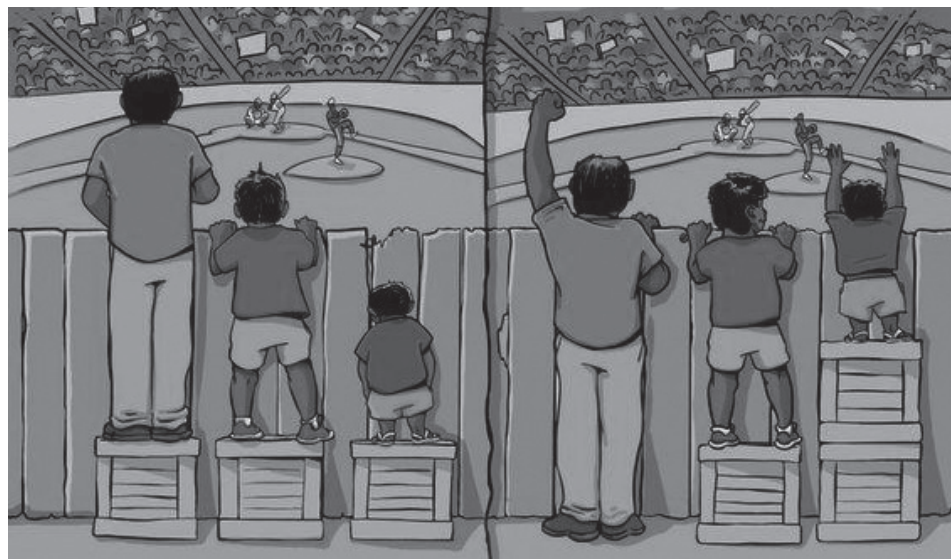
O evento contou ainda com a participação especial do ator Odilon Esteves, cuja trajetória no teatro, cinema e televisão reforça a potência da palavra quando vivida com verdade.

Mais do que uma programação cultural, o Literatura na Praça, Leitura com Afeto reafirmou um princípio fundamental: a educação ultrapassa os muros da escola. Quando a comunidade se reúne para ouvir, declamar, encenar, cantar e refletir, a cidade inteira se converte em sala de aula.

Naquela noite, Paracatu não apenas leu histórias. Paracatu escreveu uma delas. E escreveu com afeto.



Igualdade e Equidade



Robson Stigar

Atualmente tem se falado muitos em direito e justiça, especialmente no campo político que está cada vez mais acirrado e polarizado e muitos alunos têm vindo me perguntar, mas professor, o que é justo para um pode não ser justo para outro, isso é um conceito ideológico ou epistemológico? Primeiramente temos que analisar os conceitos de igualdade e equidade.

Podemos resumir a igualdade como um princípio fundamental para as sociedades democráticas, pois possibilita a todos a equiparação no que diz respeito ao desfrute e proveito de seus direitos, ou seja, igualdade é algo que vale no mesmo tamanho para todos.

Já a palavra equidade, etimologicamente, advém de aequitas, que, por sua vez significa o que é justo, sendo corren-

temente empregada para denotar igualdade e justiça. Segundo o pensamento de Aristóteles, equidade seria a justa aplicação da norma jurídica ao caso a ser decidido, de modo a abrandar o teor normativo.

A igualdade é baseada no princípio da universalidade, ou seja, que todos devem ser regidos pelas mesmas regras e devem ter os mesmos direitos e deveres. A equidade, por outro lado, reconhece que não somos todos iguais e que é preciso ajustar esse “desequilíbrio”.

Uma fila por exemplo é algo que respeita o princípio de igualdade, quem chega primeiro está na frente, mas esta fila não tem equidade face a um idoso de 80 anos ou de uma mulher com bebê no colo ou grávida, a equidade considera as fragilidades. Desta forma, temos que ter bom senso, para estabelecer o consenso.

Copa E-Games 2025: quando a tecnologia vira encontro, vibração e comunidade

Paracatu celebra o encerramento de um dos maiores eventos gamer do Noroeste de Minas, unindo juventude, inovação e espírito coletivo



A Prefeitura Municipal de Paracatu e a Secretaria de Esportes, em parceria com a Tupã Hub, realizaram neste domingo o encerramento oficial da Copa E-Games 2025, que movimentou jogadores, espectadores e entusiastas dos esportes eletrônicos de toda a região. Foi mais que uma competição: foi um encontro onde a tecnologia ganhou rosto, voz e sentimento.

Durante o mês de novembro, os atletas disputaram três modalidades, Counter-Strike 2, Free Fire e FIFA 25. As batalhas de CS2 e Free Fire aconteceram no universo digital, transmitidas ao vivo pelas plataformas da Tupã Hub, que transformaram monitor e teclado em palco e arquibancada. Já a grande final de FIFA 25, realizada presencialmente no Auditório da Prefeitura no dia 30 de novembro, trouxe a emoção viva das torcidas, os aplausos que ecoam e a tensão que só um jogo decisivo é capaz de provocar.

Ao promover eventos como este, Paracatu reafirma seu protagonismo regional ao aproximar tecnologia, cultura e inovação. A Copa E-Games fortalece o cenário de e-sports e abre portas para jovens talen-

tos, estimulando novas formas de conexão e oportunidades. Nada disso seria possível sem a dedicação dos voluntários, cuja energia e compromisso garantiram uma organização ágil, profissional e acolhedora.

A parceria entre Prefeitura, Secretaria de Esportes e Tupã Hub evidencia o compromisso com a inclusão, o entretenimento e o desenvolvimento tecnológico. A edição de 2025 registrou excelente engajamento, consolidando a Copa E-Games como um dos maiores eventos gamer do Noroeste de Minas, uma celebração onde o digital encontra o humano, e o futuro encontra quem tem coragem de construí-lo.

Para 2026, a Tupã Hub já antecipa novidades: projetos mais amplos envolvendo cultura pop, tecnologia e eventos presenciais, ampliando ainda mais o alcance dessa cena vibrante.

A organização agradece a todos os competidores, voluntários, apoiadores e ao público que acompanhou cada fase, cada transmissão, cada final. Porque no fim, o jogo só existe por causa de quem joga, e por causa de quem sonha junto.

20 de novembro: Paracatu em consciência, arte e ancestralidade

No Dia da Consciência Negra, o Ceu das Artes se transforma em território de memória viva, resistência cultural e compromisso antirracista



Na tarde do dia 20 de novembro, o Brasil silenciou por um instante para escutar a própria história e, em seguida, fez dela um grito de consciência. O Dia da Consciência Negra, oficializado em 2011, carrega em si um chamado que atravessa gerações: refletir, conscientizar e agir contra o racismo e a desigualdade racial, ao mesmo tempo em que exalta a cultura afro-brasileira e reconhece a contribuição fundamental da população negra para a formação do país.

Em todo o território nacional, a data foi marcada por debates, marchas, manifestações e encontros culturais que ecoaram a resistência de um povo que nunca deixou de lutar por dignidade, respeito e espaço. Foram vozes diversas, mas unidas por um mesmo propósito: iluminar pautas históricas e contemporâneas da comunidade negra e reafirmar a urgência da igualdade.

E em Paracatu, essa consciência se traduziu em cores, sons, palavras e gestos. O Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial (COMPIR) realizou, no Ceu das Artes, o Festival Afro-Arte, reunindo público e artistas em um encontro totalmente dedicado à valorização da cultura negra. Durante toda a tarde, o espaço foi tomado por grafite, capoeira, maculelê e diversas oficinas artísticas, compondo um cenário de celebração, pertencimento e identidade.

Na área gastronômica, os sabores contaram histórias que o tempo não apaga. Quitandas afro-brasileiras foram compartilhadas com o público, junto às oficinas de Mané Pelado e pão de queijo, um resgate de receitas e memórias que atravessam gerações e reafirmam o vínculo afetivo com a terra e com a ancestralidade.

O cuidado, o conhecimento e a orientação também tiveram lugar. A oficina ancestral de trancistas reafirmou a beleza das raízes. O curso de Odontologia do Uniate-

nas promoveu orientações sobre escovação, enquanto a OAB Igualdade Racial ofereceu atendimento jurídico. O slam de poesia e o rap deram voz às inquietações contemporâneas, transformando a palavra em instrumento de luta e afirmação. Já o CAT (Centro de Atendimento ao Turista) e a Guiastur trouxeram informações de forma lúdica e cultural, conectando história e identidade local.

Um dos momentos mais simbólicos do festival foi à roda de conversa com mestres da cultura popular. Representantes da capoeira, caretagem, folia de reis, hip hop, teatro e outras expressões compartilharam vivências e saberes que não vivem apenas nos livros, mas na prática, no corpo e na memória coletiva da comunidade. Ali, tradição e presente se encontraram, reafirmando que a cultura negra é força em movimento.

A trilha sonora da tarde ficou por conta das equipes de som automotivo Absolut e Sensantion, que energizaram o público, enquanto uma animada aula de zumba reuniu pessoas de todas as idades em um mesmo ritmo: o da celebração da vida.

O Dia da Consciência Negra não é apenas um marco que relembra a luta de Zumbi dos Palmares, é um espelho que revela aquilo que ainda precisa ser transformado. É um dia de rever o passado, enxergar o presente e assumir, com responsabilidade, a construção de um futuro mais justo. Afinal, mais de 300 anos de escravidão deixaram marcas profundas que ainda ecoam em práticas, estruturas e desigualdades.

E é justamente por isso que a consciência não pode ficar restrita ao calendário. Ela deve caminhar conosco todos os dias. Em cada atitude, em cada palavra, em cada escolha. Porque combater o racismo não é um gesto isolado, é um compromisso contínuo com a humanidade, a dignidade e o direito de todos a existir em plenitude.



Em Paracatu, a educação une mãos, protege a infância, cuida da natureza e constrói um novo futuro em parceria

Projeto “Contar e Recontar Histórias para Encantar e Transformar Ideias” reúne escolas, educadores, instituições públicas e iniciativa privada em uma jornada de aprendizado, consciência ambiental e transformação social



Com a casa cheia e corações atentos, a Câmara Municipal de Paracatu transformou-se, naquela manhã de quarta-feira (26), em um verdadeiro templo do saber sensível e coletivo. Ali, a educação deixou de ser apenas conteúdo didático para ganhar corpo, voz e emoção. Tornou-se experiência viva, daquelas que marcam, germinam e florescem para além dos muros da escola.

O município acolheu, em um só espaço, o Projeto “Contar e Recontar Histórias para Encantar e Transformar Ideias”, uma iniciativa que demonstrou, na prática e na poesia, que educar é um ato de coragem, cuidado e esperança. Cerca de 1.100 estudantes do 4º ano do Ensino Fundamental I e 100 educadores da rede pública urbana e rural participaram da ação, envolvendo 54 turmas de 27 escolas municipais e estaduais.

O projeto contou com o patrocínio da Kinross Paracatu, por meio da Lei de Incentivo à Cultura do Ministério da Cultura (PRONAC), evidenciando a força das parcerias entre escola, poder público e iniciativa privada na construção de uma sociedade mais consciente, justa e sustentável.

Ao longo de sua execução, a educação ambiental foi desenvolvida por meio do teatro, da contação de histórias, de oficinas eco-literárias e de piqueniques educativos no Parque Estadual de Paracatu, espaços onde as crianças aprenderam que a natureza não é apenas cenário, mas casa, abrigo e herança.

Entre fábulas e realidade, personagens como o Saci Pererê de duas pernas, ensinando reciclagem, a Girafa Marieta, o Gato Cometa e a Vaca Violeta conduziram os pequenos por um universo de imaginação consciente, mostrando que aprender também pode ser brincar, e que brincar pode, sim, salvar o planeta.

O ponto alto do encontro foi a 5ª edição do Concurso Cultural, que premiou os projetos de três escolas escolhidas por um corpo de jurados, reconhecendo a criatividade, o compromisso e o olhar sensível das crianças para as questões ambientais.

Classificação final:

1º Lugar: Escola Municipal Altina de Paula Souza - Entre Ribeiro
Proposta: GUARDIÕES DA NATUREZA EM... UMA ESCOLA MELHOR
2º Lugar: Escola Municipal Raimundo José Santana – Fazenda João Gomes
Proposta: PEQUENOS EM AÇÃO, PLANETA EM TRANSFORMAÇÃO
3º Lugar: Escola Municipal Dr. Antônio Ribeiro - bairro Nossa Senhora de Fátima
Proposta: VESTIR CUSTOMIZADO: A ELEGÂNCIA EM REUTILIZAR

Também foram entregues certificados de participação e prêmios de valorização às demais escolas que apresentaram projetos, reforçando que, ali, todos são vencedores quando a causa é o futuro.

Entre os trabalhos apresentados, temas como reciclagem, sustentabilidade, preserva-

ção ambiental, arborização, reaproveitamento de materiais, educação física sustentável e transformação do lixo em arte revelaram o quanto as novas gerações compreendem a urgência de cuidar do planeta e se reconhecem como parte ativa dessa missão.

O evento contou com a presença da idealizadora do projeto, Berenice Maria Mendes Nascimento, Júnia Mesquita Miranda, gerente do Parque Estadual de Paracatu; Dariane Ferreira Martins, representando a Superintendência Regional de Ensino; Diego de Paula, Analista de Comunidade da Kinross; Isadora Pinheiro, Analista de Meio Ambiente; Gislaine M., representando a Secretaria de Meio Ambiente; e do Diretor do Departamento Pedagógico, José Ivan Lopes, fortalecendo os laços entre educação, meio ambiente e políticas públicas.

Em seu emocionado pronunciamento, a idealizadora do projeto, Berenice Maria Mendes Nascimento, destacou:

“As experiências compartilhadas foram a alavanca para alcançarmos o destino projetado. O sucesso deste projeto é fruto do amor colocado na prática pedagógica, do compromisso das instituições, do apoio das famílias, da comunidade escolar e do brilho dos nossos alunos.”

Com os estudantes da Escola Nilo Sadok, reforçou-se a lição de que pequenas ações, quando somadas, transformam o mundo. Com a APAE, veio a certeza de que aquilo que é escrito no coração não precisa de agenda, porque jamais será esquecido. Em cada escola, uma nova semente foi plantada. Em cada criança, despertou um guardião da Terra.

Em uma conexão simbólica com a COP 30, que será realizada em Belém do Pará, o Curupira surgiu como mascote imaginário deste grande encontro de saberes, lembrando que proteger as florestas e os animais é, acima de tudo, proteger a nós mesmos. Porque o planeta não precisa de super-heróis, ele precisa de consciência, cuidado diário, atitudes simples e escolhas responsáveis.

O brilho nos olhos das crianças, os cadernos cuidadosamente elaborados e agora expostos para apreciação pública são a prova viva de que a educação é memória, é raiz e é futuro.

Mais do que um projeto, o que se viveu em Paracatu foi um manifesto silencioso e poderoso: quando a educação acontece com amor, parceria e sensibilidade, ela ultrapassa barreiras, derruba muros, transforma consciências e constrói um amanhã mais justo, verde e humano.

Ao final, fica o agradecimento à Secretaria Municipal de Educação, à Superintendência Regional de Ensino, ao Instituto Estadual de Florestas e à Kinross Paracatu, parceiros fundamentais para que esse sonho ganhasse forma, voz e sentido.

E que em 2026 novas histórias sejam contadas, recontadas e eternizadas.

Porque educar é plantar luz. E toda semente cuidada, inevitavelmente, cresce.

De padeiro a vereador, as memórias de Virgílio Bijos



O Padeiro Virgílio Bijos com um cesto de pães na Paracatu da década de 1940

Por: Carlos Lima (Arquivista)

Fotografia e documentos, aliados à preservação e tecnologia, são capazes de suscitar no imaginário coletivo cenas nostálgicas de uma Paracatu que ficou aprisionada no tempo. Sim, e isto ganhou força com o advento da inteligência artificial, que de maneira simples, deu “alma” aos registros imagéticos, originalmente estáticos.

Por volta de 1944, o jovem padeiro Virgílio Rodrigues Bijos (1914-1990) e o condutor da carroça (identidade desconhecida) que o auxiliava, foram captados nas potentes lentes, provavelmente, do historiador e fotógrafo Olímpio M. Gonzaga, que os vira circular pela cidade, com um cesto de pães, para realizar venda ou entrega aos seus fregueses.



Só Virgílio Bijos, por volta de 1970, acompanhado por cidadãos, provavelmente, durante seu mandato enquanto vereador

Só Virgílio, além de ter sido padeiro e empresário do ramo nos anos 1960 (Padaria Bijos, na rua Eduardo Pimentel, nº 316), também fora suplente e vereador, entre os anos de 1959 e 1972, conforme certidão conservada no rico acervo do Arquivo Público de Paracatu.

Parte do legado cultural conservado por Bijos, que também era um exímio colecionador de fotografias, constituiu-se num formidável acervo composto por cerca de 1.125 imagens seculares (algumas do final do século XIX), de autoria do historiador e escritor Olímpio Gonzaga. A preciosa coleção fora doada por seu filho Curtis Bijos à Fundação Municipal Casa de Cultura, em fevereiro de 1995, e desde então, mantida sob custódia do Guardião da Memória Regional, o Arquivo Público Municipal.

A foto em que Só Virgílio aparece com um cesto de pães numa carroça, ganhou animação num post do perfil Paracatuense Raiz no Instagram (ver referências!), graças aos recursos proporcionados pela inteligência artificial. Essa dinâmica conferida à histórica imagem, despertou não só saborosas

lembranças do pãozinho caseira de outrora, mas também a curiosidade pela vida simples, a tranquilidade e o empreendedorismo da gente paracatuense, no século passado.



Carteira Profissional de Virgílio Bijos, expedida em 1938, registra seu ofício de padeiro no estabelecimento Padaria Santa Therezinha, em Paracatu

(*) Carlos Lima é graduado em Arquivologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), é Pós-Graduado em Oracle, Java e Gerência de Projeto e é pesquisador da história e da cultura de Paracatu e publica seus artigos no site paracatumemoria.wordpress.com e no Jornal O Lábaro.

Referências

CÂMARA MUNICIPAL. Certidão de vereança do Sr. Virgílio Rodrigues Bijos. Dez. 2014. 1fl. COMARCA DE PARACATU. Processo trabalhista movido por Virgílio Rodrigues Bijos contra Modesto Dias. 1953. Cx. C-71. COMARCA DE PARACATU. Processo de rescisão contratual requerido por José da Costa Neto contra Virgílio Rodrigues Bijos. 1969. Cx. AC-15.

LIMA, Carlos E. G. Depadeiro a vereador, as memórias de Virgílio Bijos. Disponível em: < https://www.instagram.com/reel/DR26GM_AAXp/?igsh=MXFwYzlsbWc2enlu > . Acesso em: 04/12/2025.

O MOVIMENTO. Casa de Cultura expõe acervo de Virgílio Bijos. Out. 2004. Nº 273. Pág. 8.

25 de Novembro: O Brasil não pode mais naturalizar o feminicídio

Memória, responsabilidade e a urgência de transformar indignação em ação coletiva



Montagem com as fotos de Pátria (esquerda), Minerva (centro) e Maria Teresa Mirabal

O Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra as Mulheres, celebrado em 25 de novembro, não é uma efeméride protocolar. É um grito global. Um alerta que atravessa fronteiras, sociedades e gerações para denunciar uma das mais persistentes violações dos direitos humanos: a violência de gênero. Reconhecida oficialmente pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1999, a data exige mais do que discursos, exige compromisso, responsabilidade e ação concreta.

A escolha do 25 de novembro carrega uma memória dolorosa. Ela homenageia as irmãs Mirabal, Pátria, Minerva e Maria Teresa, ativistas políticas da República Dominicana brutalmente assassinadas em 1960 pelo regime ditatorial de Rafael Trujillo. Conhecidas como “Las Mariposas”, desafiaram o autoritarismo, denunciaram injustiças e lutaram por liberdade. Silenciadas pela violência, tornaram-se símbolo universal da resistência feminina.

Mais de seis décadas depois, o cenário global permanece alarmante. Mulheres seguem sendo agredidas, violentadas, perseguidas e assassinadas, muitas vezes dentro de suas próprias casas, no trabalho, nas ruas e até em instituições que deveriam protegê-las. A violência assume múltiplas formas: física, psicológica, sexual, moral, patrimonial e institucional. E frequentemente se esconde sob o medo, o preconceito e a impunidade.

O 25 de novembro convoca à reflexão, mas sobretudo à ação. Conscientizar é fundamental: educar, informar, romper com a cultura do silêncio. Mobilizar é urgente: cobrar políticas públicas eficazes, fortalecer redes de acolhimento, garantir acesso à justiça e proteção real para todas as vítimas. E solidarizar-se é indispensável: ouvir, apoiar, acolher, nunca julgar.

A data marca ainda o início da campanha internacional 16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra a Mulher, que seguiu até 10 de dezembro, Dia Internacional dos Direitos Humanos. Nesse período simbólico, a luta das mulheres se conecta diretamente à defesa da dignidade humana. Não há democracia plena onde mulheres vivem com medo, onde suas vozes são silenciadas, onde seus corpos são tratados como territórios de violência.

Essa não é uma questão individual. É uma falha estrutural, social, política, cultural e moral, e combatê-la exige a participação de todos: governos, instituições, escolas, famílias, comunidades e cidadãos dispostos a romper comportamentos e discursos que perpetuam desigualdades.

Feminicídio: uma pandemia social no Brasil

A gravidade do cenário brasileiro esmaga uma realidade angustiante:

Aumento nos casos: em 2024, o país registrou cerca de 1.450 feminicídios. Em 2025, os números continuaram a crescer, chegando a um assassinato de mulher a cada seis horas, segundo diferentes levantamentos.

Raízes culturais: o feminicídio represen-

ta a forma mais extrema de um ciclo de desigualdades, machismo estrutural e da lógica de posse sobre o corpo e a vida das mulheres.

A conexão com as redes sociais

O ódio misógino disseminado no ambiente digital tornou-se um combustível perigoso:

Do digital ao real: discursos de ódio e misoginia online não ficam restritos aos comentários, eles influenciam comportamentos, incitam violências e podem culminar em feminicídios.

Normalização da misoginia: plataformas, muitas vezes, permitem a proliferação de conteúdos que defendem submissão feminina, ridicularizam mulheres e desumanizam suas experiências.

Formas de violência digital: ciberstalking, vazamento de dados pessoais, divulgação de imagens íntimas e ataques coordenados afetam emocionalmente, psicologicamente e colocam vidas em risco.

O que pode ser feito

Combater essa realidade exige ações articuladas e contínuas:

Educação e conscientização: promover igualdade de gênero desde a infância, fortalecer programas educativos e ampliar debates públicos.

Políticas públicas eficazes: garantir acolhimento, proteção e assistência às vítimas. O Ministério das Mulheres reforça canais de denúncia como o Ligue 180.

Combate ao ódio online: responsabilizar autores de violência digital e pressionar plataformas para políticas mais rígidas contra misoginia e discurso de ódio.

Se você ou alguém que você conhece está em situação de violência, denuncie. Ligue 180 – Central de Atendimento à Mulher. Para crimes cibernéticos: SaferNet Brasil.

Que o 25 de novembro não seja apenas memória ou luto, mas um marco de transformação. Que desperte consciências, inspire mudanças e fortaleça a construção de uma sociedade onde nenhuma mulher precise escolher entre o silêncio e a sobrevivência. Que as “Borboletas” sigam voando, agora como símbolo de resistência, justiça e esperança.

Referências

• Organização das Nações Unidas (ONU) — Reconhecimento oficial do 25 de novembro como Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra as Mulheres (Resolução 54/134, de 1999).

• História das Irmãs Mirabal — Assassinadas em 25 de novembro de 1960 pela ditadura de Rafael Trujillo, na República Dominicana; conhecidas como “Las Mariposas”.

• Campanha Internacional “16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra a Mulher” — Realizada anualmente de 25 de novembro a 10 de dezembro.

• Ministério das Mulheres (Brasil) — Dados e campanhas de enfrentamento à violência contra mulheres; canais de denúncia como o Ligue 180. • SaferNet Brasil — Orientações e suporte para denúncias de crimes cibernéticos, incluindo violência digital contra mulheres.

Onde a Educação Encontra a Cooperação: sementes que iluminam futuros

Sicoob Credicopa celebra talentos estudantis e reafirma o poder transformador do cooperativismo

O Sicoob Credicopa do Paracatuzeiro se encheu de vozes, passos pequenos e olhares brilhantes na manhã de quarta-feira (4). Alunos, familiares, professores, diretores e colaboradores reuniram-se para celebrar a etapa local do Concurso Cultural 2025, iniciativa do Instituto Sicoob que, mais uma vez, mobilizou escolas e comunidades com cuidado, propósito e afeto.

Antes da abertura oficial, uma reflexão lida pela cerimonialista convidou todos a um mergulho sensível:

“O que acontece quando pessoas diferentes se unem para transformar uma realidade?”

A resposta ecoou entre os presentes: cooperativismo, esse modo de estar no mundo que une solidariedade, democracia e a certeza de que o crescimento de um só faz sentido quando ele impulsiona o de todos.

Foi nesse espírito que o gerente da agência, Rosencleber, abriu o encontro relembrando as raízes do cooperativismo e mostrando como a união de esforços pode gerar mudanças duradouras.

Um concurso que planta valores

Mais que premiar talentos, o Concurso Cultural é um convite para cultivar valores essenciais: respeito às diferenças, empatia, escuta e cooperação. Na área de atuação do Sicoob Credicopa, foram mais de 8 mil estudantes, de 70 escolas, em 17 cidades, refletindo sobre a potência transformadora da diversidade, e traduzindo esse tema em desenhos, textos e poemas que revelam mundos possíveis.

Os premiados da etapa local

3º ano – Desenho

1º lugar – Eloá Souza Vasconcelos Mendes, Escola Municipal Leonor Ulhoa
2º lugar – Helena Emanuelle Peres Cotegipe, Escola Municipal Leonor Ulhoa
3º lugar – Kenedy César Carvalho dos Santos, Escola Municipal Leonor Ulhoa

5º ano – Texto narrativo

1º lugar – Davi Luca Rocha da Silva, Escola Municipal Leonor Ulhoa
2º lugar – Heitor Borges Mundim, Escola Municipal Leonor Ulhoa
3º lugar – Sofia Emanuelly, Escola Municipal Leonor Ulhoa



7º ano – Poema

1º lugar – Anna Luiza Silva Castro, Escola Municipal Cacilda Caetano
2º lugar – Maria Fernanda Couto Guimarães, Escola Municipal Cacilda Caetano
3º lugar – Pérola Sophia Rodrigues, Escola Municipal Cacilda Caetano.

A cada anúncio, o espaço se iluminava em aplausos, entrega de kits escolares e certificados, e o registro emocionado das fotos oficiais ao lado da equipe do Sicoob e representantes das escolas, pequenas memórias que se tornam grandes lembranças.

Professores e diretores também foram homenageados com um kit especial, reconhecimento pelo compromisso diário com a formação humana e integral dos estudantes.

Encerramento: a semente que segue germinando

O evento terminou com palavras que resumem o espírito da manhã: “Quando a gente coopera, ninguém fica para trás. A diversidade não divide, ela multiplica. Que cada um de vocês continue sendo semente de transformação onde estiver.”

O Sicoob Credicopa reforçou, assim, sua crença no poder da educação e na força das oportunidades compartilhadas, certezas que seguem guiando o desenvolvimento das comunidades que fazem parte de sua história.

Paracatu leva sabor e memória ao 3º Prêmio Cumbuca de Gastronomia

Quitandeiras do município encantam Belo Horizonte em noite que celebrou tradição, identidade e os caminhos da culinária mineira



Paracatu cruzou as estradas de Minas levando consigo o cheiro quente do forno, o afeto das cozinhas familiares e o orgulho de uma tradição centenária. No dia 18 de novembro, o município marcou presença na terceira edição do Prêmio Cumbuca de Gastronomia, realizado no Palácio das Artes, em Belo Horizonte, por meio da participação da Associação de Quitandeiras em um estande institucional promovido pela Secretaria Municipal de Cultura, em parceria com o Sebrae.

A cerimônia, que também celebrou o pré-lançamento do Guia Cumbuca de Gastronomia 2026, reuniu os principais nomes e sabores da culinária mineira. Foram 53 categorias premiadas, avaliadas por voto popular e por um júri especializado composto por 30 profissionais. Entre apresentações artísticas, como a performance de Beto Guedes, e a transmissão ao vivo pelo YouTube, a noite se transformou em um grande palco da diversidade gastronômica do estado.

No estande de Paracatu, as mestras quitandeiras fizeram o que sempre souberam fazer: acolher, contar histórias e repartir sabores. A tradicional quitanda “desmamada” foi uma das protagonistas, acompanhada de demonstrações dos modos de fazer, degustações e um receptivo que encheu o espaço de afeto, curiosidade e encantamento. Cada receita apresentada carregava mais do que técnica: carregava memória, pertencimento e o toque inconfundível das cozinheiras que guardam, nas mãos, a herança viva da cidade.

“O convite mostra que a cozinha de Paracatu é reconhecida pela variedade de

ingredientes e pelas receitas autênticas. Também foi uma oportunidade de apresentar nossas quitandas e atrair mais visitantes para a cidade”, afirmou o secretário municipal de Cultura, Thiago Venâncio.

A participação no prêmio reforça o compromisso da Prefeitura em valorizar a gastronomia local e fortalecer o setor, especialmente o trabalho das quitandeiras, que representam uma das expressões mais genuínas da identidade cultural paracatuense. Ao promover o encontro entre tradição e visibilidade, a ação contribui para preservar saberes, ampliar oportunidades e garantir que essa herança siga viva nas próximas gerações.

No Palácio das Artes, Paracatu não levou apenas quitandas: levou história, levou afeto, levou raízes. E deixou, entre uma degustação e outra, o lembrete de que a gastronomia mineira é feita de terra, de memória e das mãos que, diariamente, moldam o que somos.

O 3º Prêmio Cumbuca de Gastronomia é uma realização da Cumbuca Projetos e Cultura, com Patrocínio Master da CODEMGE e do Governo de Minas Gerais; Patrocínio Premium do Senac, integrado ao Sistema Fecomércio; e Patrocínio Ouro da Itambé.

O evento contou com a presença de autoridades e representantes de órgãos públicos e entidades do setor, como Sebrae, Senac, Sistema Fecomércio, Belotur, Abrasel, Empresa Mineira de Comunicação, Secretaria de Estado de Cultura e Turismo, Governo de Minas e Prefeituras de Belo Horizonte, entre outros parceiros institucionais.

Quando Minas vira música: a Banda Lyra entra para a história como Patrimônio Cultural Imaterial

Participando do 1º Encontro Estadual de Bandas, em Belo Horizonte, a Lyra Paracatuense celebra um reconhecimento que ecoa gerações e reafirma a força da tradição musical mineira

Nos dias 21 e 22 de novembro, Belo Horizonte tornou-se o grande palco da memória sonora de Minas Gerais. O 1º Encontro Estadual de Bandas reuniu histórias, sons e afetos em uma celebração inédita: o reconhecimento oficial das bandas de música como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado. Entre tantas trajetórias que se cruzaram nesse momento histórico, a Banda Lyra Paracatuense escreveu o seu nome em letras de música e orgulho, agora, ela também é patrimônio de Minas.

O encontro teve início no dia 21, com ações formativas realizadas no Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA-MG), reunindo mestres, músicos, estudiosos e apaixonados pela cultura das bandas. Foram palestras, diálogos e trocas que fortaleceram ainda mais os vínculos entre passado, presente e futuro dessa tradição centenária que sobrevive graças à coletividade e ao amor pela música.

Já no dia 22, a Praça da Liberdade e o Palácio da Liberdade se transformaram em espaços de celebração pública. Em um concerto gratuito, as bandas participantes preencheram a cidade com melodias que não pertencem apenas a partituras, mas à vida de quem as escuta. Cada nota carregava a memória de coretos, procissões, desfiles, festas religiosas e momentos marcantes das comunidades de Minas Gerais.

Atualmente, o estado conta com mais de 700 bandas ativas, muitas delas com mais de um século de existência. O registro oficial como Patrimônio Cultural Imaterial não é apenas um título, é um compromisso. Ele consolida um capítulo fundamental da história mineira e garante que esse saber coletivo, transmitido de forma oral, comunitária e solidária, continue vivo e pulsante para as próximas gerações.

Para Paracatu, o reconhecimento da



Banda Lyra é mais do que uma conquista institucional: é um gesto de valorização da identidade local, da resistência cultural e da beleza que nasce do encontro

entre pessoas, instrumentos e tempo. É prova de que a música não é só som, é raiz, é memória, é pertença.

E agora, oficialmente, é patrimônio.

No ritmo do coração de Paracatu, esporte e comunicação se encontram em noite de homenagens

Uma celebração da memória, do talento e das histórias que moldam a identidade da cidade



A Câmara Municipal de Paracatu foi palco, na noite do dia 27 de novembro, de uma solenidade marcada pela emoção e pelo reconhecimento a três personalidades que ajudaram a construir a identidade cultural e comunitária do município. O Legislativo homenageou Roberto Caldeira de Oliveira, o “Roberto Eradinha”, Afonso Geraldo Roquete Franco, o “Cerezo”, e a comunicadora Eucária Oliveira Neiva Birro, a Cacá, em cerimônia proposta pelo vereador Ernesto Silva e presidida pelo vice-presidente da Casa, George Linderski.

Os esportistas Roberto Eradinha e Cerezo receberam o Diploma de Mérito Desportivo, enquanto Eucária Birro foi agraciada com a Moção de Regozijo pelos serviços prestados à comunicação local. Embora atuem em universos distintos, os três homenageados compartilham a mesma marca: transformar vidas e fortalecer laços comunitários.

Roberto Eradinha, nascido e criado no Paracatuzinho, tornou-se referência no futebol local. Camisa 10 talentoso do San-

tana Esporte Clube e protagonista de títulos municipais e regionais, eternizou seu nome nos gramados da cidade. Já Afonso “Cerezo” iniciou no futebol ainda criança, brilhou por Santana e União e teve papel marcante como treinador, conduzindo o Amabap ao título municipal de 1993.

Na comunicação, Eucária Birro consolidou mais de três décadas de atuação ética e sensível. Jornalista, apresentadora, editora e mestre de cerimônias, tornou-se voz conhecida em Paracatu. À frente da Vitrine Comunicação e também como professora, contribui para a formação cidadã e a circulação de informação responsável.

A solenidade foi marcada por aplausos e emoção, em uma noite que celebrou não apenas trajetórias individuais, mas a força das raízes que sustentam a memória afetiva da cidade.

Porque há nomes que ultrapassam o tempo, e permanecem gravados na alma de Paracatu. Roberto Eradinha, Cerezo e Eucária Birro agora integram, oficialmente, esse capítulo eterno.

Paracatu celebra a potência da mulher negra na 7ª edição do Troféu Rosa Afro

Solenidade destaca trajetórias que reafirmam ancestralidade, liderança e o protagonismo feminino negro em Paracatu



Paracatu viveu, no dia 26 de novembro, uma noite dedicada à memória, ao reconhecimento e ao compromisso com a justiça racial. O COMPIR — Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial, realizou, em parceria com a Prefeitura e com a Secretaria Municipal da Mulher, Igualdade Racial e Juventude, a entrega da 7ª edição do Troféu Rosa Afro, homenagem destinada a mulheres negras que fortalecem a cidade por meio da educação, da cultura, da liderança comunitária e de diversas áreas profissionais.

O espaço de honra da solenidade foi composto pelo presidente do COMPIR, Darley Ferreira Gomes (Mestre Cacau); pela secretária municipal Maria José Magalhães; pelo vice-presidente da Câmara, vereador George Linderski; e pela vereadora Nilda da Associação, além das homenageadas da noite, verdadeiras referências de resistência e protagonismo em diferentes áreas da sociedade.

Foram agraciadas:
Antônia Carina Fernandes
Aparecida Pereira da Silva
Cleonide Rosane Silva
Cremilda Santos
Elaine Dantas Lopes Hunoff
Elisângela José Macedo
Italla Maria dos Santos Xavier
Lorrane Susan Pereira Gama
Miriele Luiz Ferreira
Natália Moreira da Silva

Criado para reconhecer o papel das mulheres negras na promoção da igualdade racial e na valorização da cultura afro-brasileira, o Troféu Rosa Afro se consolidou como uma das principais ações do Mês da Consciência Negra em Paracatu. Para além da homenagem, o prêmio reafirma valores políticos e simbólicos que tratam de visibilidade, ancestralidade e representatividade, elementos fundamentais para enfrentar

desigualdades ainda presentes.

O simbolismo do nome traduz a proposta: “Rosa” remete à beleza, delicadeza e protagonismo; “Afro” reafirma identidade, história e orgulho. A junção dos dois sentidos projeta a imagem da mulher negra que transforma, sustenta e abre caminhos para as próximas gerações.

As biografias apresentadas ao público revelaram trajetórias marcadas por desafios históricos, pobreza, preconceito, violência e invisibilidade, mas também por escolhas firmes e transformadoras. Entre as homenageadas, há mulheres que atuam na educação, na saúde, na psicologia, na culinária, na segurança pública, no empreendedorismo, na arte de trançar cabelos e na construção de laços comunitários. Todas elas, cada uma à sua maneira, representam a força que molda a vida social de Paracatu.

A emoção marcou a cerimônia. Entre aplausos, foi possível perceber que a homenagem ultrapassou o mérito individual: tornou-se um ato coletivo de reconhecimento e reafirmação da história da mulher negra paracatuense. O sentimento de ancestralidade atravessou o encontro e reforçou a importância de honrar quem, há anos, sustenta comunidades inteiras, muitas vezes sem a visibilidade que merece.

Em sua sétima edição, o Troféu Rosa Afro consolida mais um capítulo essencial da história contemporânea do município: o capítulo das mulheres negras que resistem, inspiram e transformam. Mulheres que, com sua presença e atuação diária, ajudam a construir uma cidade mais justa, mais consciente e mais humana.

Que a força da ancestralidade africana, a riqueza da cultura afro-brasileira e a resistência do povo negro sigam sendo celebradas e reconhecidas, não apenas neste mês, mas ao longo de toda a caminhada coletiva de Paracatu.

Sicoob Credicopa realiza “Dia da Alegria” e reúne famílias na Praça Firmina Santana

Evento integrou ações solidárias, entretenimento gratuito e apoio à APAE de Paracatu: Onde o Cooperativismo Vira Alegria



O Sicoob Credicopa promoveu a 1ª edição do Trem da Alegria – Cooperar e Semear Sorrisos em Paracatu, levando entretenimento à população, impulsionando o comércio local, fortalecendo o turismo e transformando diversão em solidariedade ao destinar sua arrecadação para a APAE de Paracatu.

Foi numa tarde de domingo, 7 de dezembro, marcada pela persistência da alegria. Nem a chuvinha fina que insistia em

cair foi capaz de apagar os sorrisos que tomaram conta da Praça Firmina Santana. O que era para ser apenas um evento transformou-se em um verdadeiro abraço coletivo quando o Sicoob Credicopa realizou o “Dia da Alegria”, convertendo o espaço público em cenário de convivência, afeto e encontro.

Sob um céu carregado de nuvens, o riso das crianças ecoou entre pipocas estourando, nuvens de algodão-doce e pequenos gestos que se tornaram grandes memórias. A pintura facial deu novas cores aos rostos, enquanto Mickey e Minnie caminhavam entre sonhos, capas de chuva improvisadas e fotografias sorridentes. O show do Tio Bruno Tubarão fez a praça pulsar em alegria viva, provando que nem o tempo fechado é capaz de conter o brilho de uma comunidade unida.

O Trem da Alegria segue espalhando essa mesma luz até o dia 22 de dezembro.

A carreta Trem Bala, estacionada na praça, tornou-se ponto de encontro e encantamento. Para participar da atração, é necessário realizar compras a partir de R\$ 50,00 em lojas parceiras, fortalecendo o comércio local e estimulando a economia da cidade.

Entre pula-pulas, escorregadores, camisas elásticas e tobogãs, a infância correu solta, livre, inteira, feliz, mesmo com o chão molhado e o cheiro fresco de chuva no ar.

Mais do que um evento, o Sicoob Credicopa reafirmou seu compromisso com a comunidade. Em respeito ao futuro, o evento também calculou seu impacto ambiental, garantindo o plantio de árvores como forma de retribuir à natureza aquilo que dela foi confiado.

O encontro contou com a presença do presidente Ronaldo Siqueira Santos, do diretor Darci da Silva Neiva e da equipe da cooperativa.



IV Seminário Municipal de Prevenção à Corrupção e Fomento à Transparência

Quando a luz pública se acende: Paracatu reafirma o compromisso com a ética, o controle social e o uso responsável dos recursos públicos



No dia 3 de dezembro, a Câmara Municipal de Paracatu abriu suas portas, mais uma vez, para um dos debates mais urgentes e indispensáveis da vida pública: a construção contínua da transparência e o combate firme à corrupção. O IV Seminário Municipal de Prevenção à Corrupção e Fomento à Transparência reuniu autoridades, parceiros institucionais, estudantes e representantes da sociedade civil em um encontro que reafirma um princípio essencial da democracia: o cidadão tem o direito de saber, de participar e de transformar.

Como reflexão que dialoga com a profundidade do tema, a filosofia clássica oferece uma chave simbólica ainda atual. Aristóteles acreditava que a corrupção era própria do “mundo sublunar”, o mundo terreno, imperfeito e sujeito à degeneração. Somente as esferas celestes, perfeitas e imutáveis, estariam livres desse risco. Trazer essa perspectiva para o presente nos lembra que, se a corrupção nasce das fragilidades humanas, então o compromisso com a ética, a vigilância e a transparência precisa ser uma escolha permanente, um exercício diário de responsabilidade coletiva.

Um início marcado por compromissos

A mesa de abertura destacou a presença da controladora-geral do município e presidenta do Conselho Municipal de Transparência e Controle Social, Elisângela Mesquita, que também representa o Conselho Estadual de Controle Interno na regional Noroeste. Representando a AMNOR, participou a superintendente administrativa Marília Nicolle. Pelo Ministério Público, estiveram presentes o Dr. Davi Reis Pirajá e o Dr. Joaquim de Assis Ursula Júnior. Entre os parceiros institucionais, marcaram presença o Dr. Bruno Franco, representando a OAB – Subseção Paracatu, e o vereador Nicolas Sheldon, representando o Legislativo Municipal.

Realizado pela Prefeitura de Paracatu, por meio da Controladoria-Geral, e promovido pelo Conselho Municipal de Transparência e Controle Social, o seminário reforça o papel dos conselhos como espaços essenciais de diálogo entre governo e sociedade. Ali, onde a política pública é debatida com olhos voltados ao bem comum, a publicidade e a clareza das informações tornam-se pilares indispensáveis para que o cidadão participe de

forma plena, crítica e ativa.

Selo Amigo da Transparência: o reconhecimento de quem ilumina o caminho público

Durante a manhã, foi entregue o Selo Amigo da Transparência e Controle Social, honraria concedida a instituições que se destacam pelo compromisso com a ética, a governança e a cidadania. Conduzida pela vice-presidenta do Conselho, Bruna Ferrão de Souza Freitas, a cerimônia reconheceu empresas e entidades que fazem da integridade um princípio cotidiano — não apenas uma meta, mas uma prática.

Receberam o selo:

- Coopervap, representada por Valdir Rodrigues e Lionel Oliveira;
- OAB – Paracatu, representada pelo Dr. Bruno Franco;
- Circuito Turístico Noroeste das Gerais e Alto Paranaíba, representado por Igor Diniz;
- Instituto Proeducação e Escola Multitech, representados por Glauber Cesar;
- Câmara Municipal de Paracatu, com o vereador Nicolas Sheldon;
- AMNOR, representada por Marília Nicolle;
- SEBRAE
- Ministério Público de Minas Gerais, representado pelo promotor Dr. Davi Pirajá;
- CRA-MG, representado pelo Dr. Joaquim de Assis;
- Casa do Empresário, representada por Yosa Flores;
- IFTM, representado por Gustavo
- SESC, representado por Thiago Fonseca;

Mais do que uma homenagem, o selo simboliza uma escolha: construir, de forma conjunta, uma sociedade mais justa, democrática e participativa.

Juventude como guardião do futuro

O seminário também destacou o Projeto Estudantes em Movimento, coordenado pelo Conaci e desenvolvido em parceria com controladorias e secretarias de educação de todo o país. Com o propósito de formar cidadãos conscientes e protagonistas, o projeto incentiva a cultura da integridade e o exercício da Auditoria Cívica no ambiente escolar.

Foram reconhecidas as escolas e representantes que adotaram o projeto:

- Escola Estadual Altina de Paula de Souza; Lucilena Nunes de Araújo e Jane Gonçalves dos Santos;
- Escola Municipal Ada Santana: Marcelly da Silva Neiva e Annamélia de Araújo Souto;
- Escola Municipal José Palma: Camila José Macêdo e Andreia Piau;
- Escola Cívico-Militar Professora Márcia Macedo Meireles;
- CAIC Paracatu: Diretora Simone Conceição Mota Valadares e Castro;
- Escola Municipal Arquimedes Cândido Meireles: Laila de Fátima Monteiro Vital e Solange Aparecida Batista Gomes;
- Escola Municipal Professor Gidalte;
- Escola Municipal Bernardino, representada pela professora Sara

A presença dos estudantes simboliza o que há de mais promissor: uma geração que aprende desde cedo que a ética não é discurso, é prática; que a transparência não

é favor, é direito.

Conhecimento como ferramenta de transformação

A manhã se encerrou com a palestra do jurista Dr. Daniel Lança, advogado, mestre em Ciências Jurídico-Políticas, especialista em Compliance e Gestão de Riscos por Harvard e pela Universidade da Pensilvânia, diretor jurídico e de compliance da Gasmig e professor convidado da Fundação Dom Cabral. Sua fala reforçou a importância de um Estado que planeja, previne e protege — um Estado que age antes que o problema surja, e não apenas depois.

A programação contou ainda com a apresentação do Coral Stela Maris e da banda da Guarda-Mirim, oferecendo ao público momentos de sensibilidade e encantamento.

Caminhos da Transparência em Debate

Segunda parte aprofunda o uso responsável das emendas impositivas

Durante a tarde, teve início a segunda parte do seminário, dedicada ao debate sobre a utilização responsável das emendas impositivas, proposições dos vereadores que destinam, de forma obrigatória, parte do orçamento público a entidades e projetos específicos.

Para conduzir a Oficina Temática “Emendas Impositivas: do Plano de Trabalho à Prestação de Contas”, o Conselho Municipal de Transparência e Controle Social convidou a Dra. Priscila Ramos Netto Viana. Especialista em Direito Administrativo e Gestão Pública, a profissional também atua nas áreas de Direito Urbanístico e Mineral, Controle Interno, Compliance e Combate à Corrupção, além de ministrar cursos e treinamentos voltados a gestores, empresas e instituições públicas. É membro efetivo do Instituto Mineiro de Direito Administrativo (IMDA).

Antes da continuidade dos debates, os participantes tiveram um momento de pausa com ginástica laboral, conduzida por profissionais especializados. Um intervalo leve, breve e necessário para recarregar as energias. Em seguida, a programação avançou com a participação da Dra. Daisses Jaala.

O evento foi encerrado com um coquetel de confraternização, celebrando não apenas o fim da programação, mas o fortalecimento de uma rede de cidadãos, instituições e gestores comprometidos com a integridade pública.

Ao longo de todo o dia, o IV Seminário Municipal reafirmou: transparência não é apenas uma norma administrativa, é uma luz que deve permanecer acesa, clara e acessível, para que cada cidadão possa enxergar, participar e transformar o lugar onde vive.



ESSA: 15 Anos de Engenharia QUE CONSTRÓI HISTÓRIAS

Da vocação ao propósito: a trajetória de Paulo Cesar André e a força de uma construtora que nasceu para durar

A história da **ESSA**, que neste ano completa 15 anos, começa muito antes de 2010, data oficial de sua fundação. Ela nasce na inquietação de um jovem que, aos 16 anos, descobria o mundo pela sonoridade da Rádio Juriti, seu primeiro emprego. Ali, Paulo Cesar André, o conhecido PC André, começou a lapidar algo que levaria para toda a vida: a consciência de que cada escolha, cada trabalho e cada passo podem erguer pontes para o futuro.

Caçula de dez irmãos, filho de Pedro Batista André e Izaura Batista André, Paulo Cesar cresceu observando a força do trabalho e a dignidade como fundamento. Casado com Eleni e pai de três filhos, Pedro Paulo, Paulo Vitor e Marcos Paulo, construiu sua caminhada profissional em múltiplas frentes: atuou na área comercial, estudou contabilidade, fez teatro, trabalhou na Cotia, foi secretário de obras e, há 20 anos, mantém também uma distribuidora de polpas, referência no mercado local.

Mas foi aos 42 anos, ao ingressar na Fa-



culdade FINOM para cursar Engenharia Civil, que Paulo Cesar reacendeu um sonho antigo: transformar ideias em estruturas sólidas. Formou-se aos 47 anos e, mais tarde, concluiu o curso de Engenharia de Segurança do Trabalho, ampliando o cuidado e a responsabilidade que levaria às obras que viriam.

Da antiga Construtora Santa Luzia à ESSA Construções e Serviços, a empresa evoluiu, modernizou-se e firmou seu compromisso com construções mais sustentáveis, seguras e eficientes. Hoje, conta com 18 colaboradores, entre CLT e terceirizados, e mantém 90% de sua atuação dedicada a obras públicas municipais

e estaduais, um percurso que traduz confiança, seriedade e presença constante no desenvolvimento da região.

Barrista por natureza, Paulo Cesar faz questão de fortalecer o comércio local e, ao mesmo tempo, ampliar horizontes: investe na locação de máquinas e equipamentos para a construção civil e planeja, nos próximos anos, ingressar em projetos do programa Minha Casa, Minha Vida, uma forma de devolver à comunidade aquilo que sempre o moveu: oportunidade, moradia e dignidade.

A **ESSA Construções e Serviços** chega aos 15 anos com o vigor de quem nunca deixou de aprender e o amadurecimento de quem compreende que construir é, acima de tudo, um ato de responsabilidade social. **ESSA** é a sua construtora. E continua erguendo, todos os dias, novas formas de futuro.

Abaixo, registros das obras assinadas pela **ESSA Construções e Soluções**. O antes e o depois dessa obra que virou cartão-postal da cidade, atual Casa Paracatu.



ANTES



DEPOIS



Neste Natal, que cada luz brilhante nos inspire a reconhecer o que já construímos juntos. E que o Ano Novo chegue como um terreno fértil, pronto para receber novos sonhos, novos projetos e novas formas de futuro. A ESSA Construções e Serviços segue ao seu lado, erguendo com você o que permanece.

Natal Iluminado 2025: Paracatu inaugura a Vila do Papai Noel em noite de luz, poesia e união

Na Praça Firmina Santana, cidade celebra avanços sociais, cultura local e um Natal mais acessível, sensorial e cheio de esperança



Uma linda noite de quarta-feira (26) marcou a abertura oficial do Natal Iluminado 2025, em Paracatu, com o tema “Vila do Papai Noel”, na Praça Firmina Santana. Organizado pela Prefeitura de Paracatu, por meio da Secretaria de Turismo, em parceria com a Associação Comercial e Empresarial de Paracatu (Casa do Empresário), o evento contou com patrocínio do Sebrae, Kinross e Sicoob Credicopa, além do apoio da Uberlândia Refrescos.

A cerimônia reuniu o prefeito Igor Santos, o vice-prefeito Pedro Adjuto, o secretário de Turismo Igor Diniz e o presidente da Associação Comercial e Empresarial de Paracatu, Marcos Plauto, além de famílias e visitantes que encheram a praça em uma só vibração: a da esperança renovada pelo Natal.

Neste ano, Paracatu brilha ainda mais. As luzes se multiplicam, a alegria ganha

novas cores e a cidade se une em torno de um sentimento profundo de pertencimento. O que antes era encantamento, agora se transforma em grandiosidade. A tradicional casinha do Papai Noel, que já havia conquistado corações em anos anteriores, dá lugar a um verdadeiro vilarejo natalino, valorizando a cultura local e movimentando a economia criativa, com espaços dedicados às quitandeiras, artesãos e empreendedores da cidade.

A nova Vila do Papai Noel conta com ambientes para apresentações artísticas, música, dança, poesia e brinquedos que espalham alegria como uma chuva de estrelas sobre Paracatu. Um dos grandes destaques é a criação de um espaço sensorial para pessoas com neurodivergências, um gesto de carinho que demonstra que a magia do Natal também se manifesta na inclusão, no cuidado e na empatia.



Abertura da Vila do Papai Noel, o vice-prefeito, Pedro Adjuto, Patrícia Resende (Sebrae), da assistente da Vila, Sra. Yosa Flores Raya, que visitaram as quitandeiras, artesãos, dos projetos Paracatu ao Luar, Alma de Minas e Casa do Artesão

A Avenida Olegário Maciel foi tomada por luzes coloridas, transformando-se em um verdadeiro corredor de encantamento. Em meio aos aplausos, o Papai Noel chegou à cidade, recebendo das mãos do prefeito Igor Santos as chaves de Paracatu, em um gesto simbólico que marcou o início oficial das celebrações natalinas. Em seguida, acompanhado pelo espaço de honra, Mamãe Noel e autoridades, o prefeito realizou o desenlace da fita na entrada da Vila, oficializando a abertura do Natal 2025 em Paracatu.

O evento também contou com apresentações teatrais de temática natalina, levando ao público mensagens de harmonia, fraternidade e esperança. Em cada sorriso, em cada olhar iluminado, via-se o reflexo de uma cidade que cresceu, avançou e colhe frutos importantes em qualidade de vida. Este é, sem dúvida, um final de ano de conquistas, um verdadeiro presente de Natal para todos os paracatuenses.

Paracatu pulsa magia. Vestida de

luz e amor, a cidade reafirma sua essência de acolhimento e união, lembrando que o Natal não é apenas uma data, mas um sentimento coletivo que transforma ruas em caminhos de fé e corações em morada de paz.

E, como escreveu o poeta Carlos Drummond de Andrade: “Tenho apenas duas mãos e o sentimento do mundo, mas estou cheio de almas que aparecem.”

Nesta noite iluminada, Paracatu mostrou que também está cheia de almas, de sonhos e de um futuro cada vez mais brilhante.

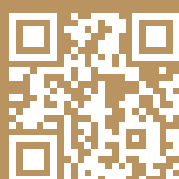


Que
história
é essa,
Kinross

Um papo sobre o Programa Integrar

O Programa Integrar apoia iniciativas que fortalecem a educação, cultura, meio ambiente, saúde, esporte e economia local.

Entre 2020 e 2025, diversas comunidades foram beneficiadas pelos **mais de 500 projetos realizados e R\$ 70 milhões investidos.**



CONHEÇA NOSSO
PROGRAMA INTEGRAR

KINROSS Paracatu

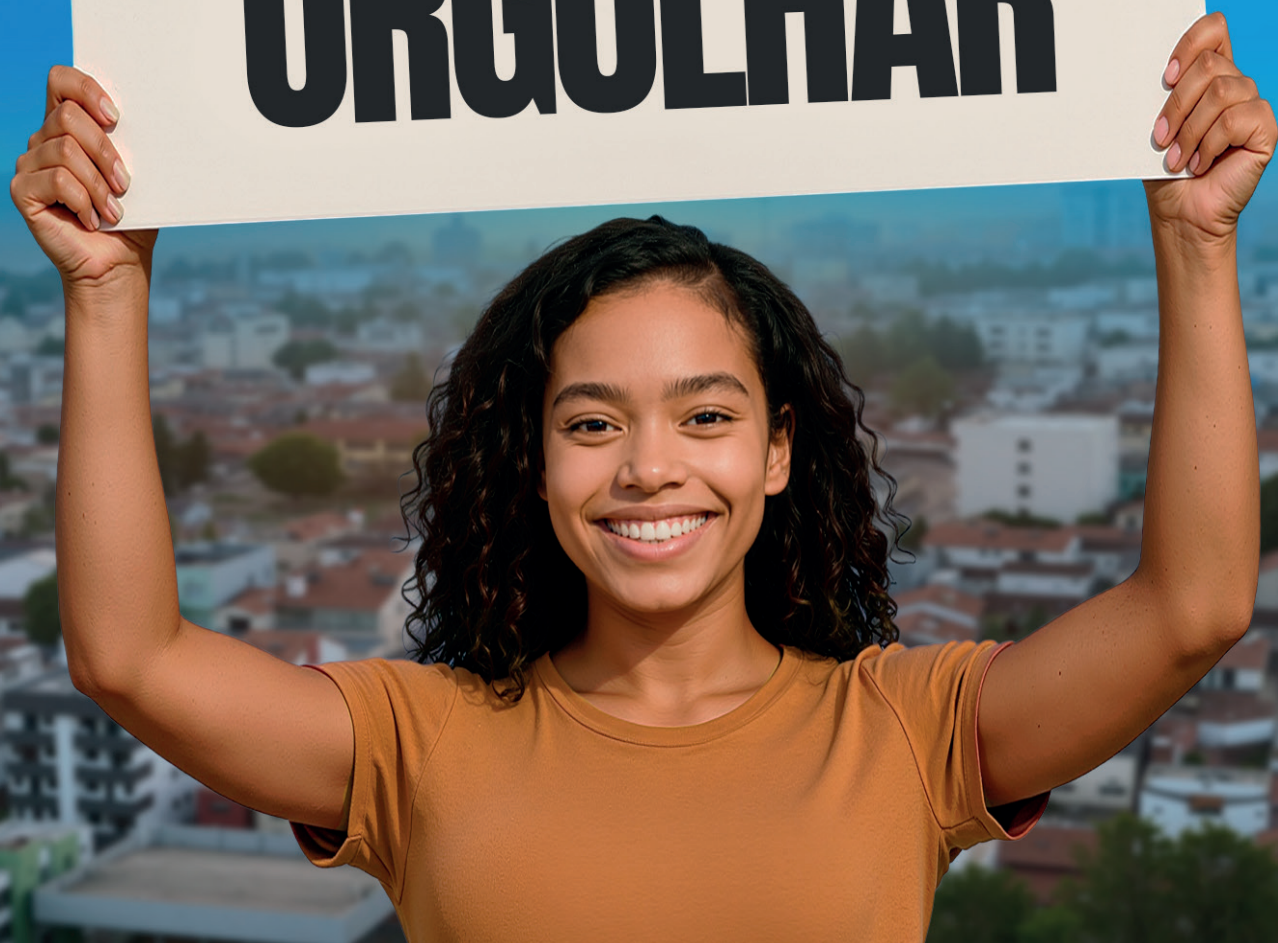
Great
Place
To
Work.
Certificada
JUL 2025-JUL 2026
Brasil



PREFEITURA
PARACATU
O TRABALHO É A NOSSA FORÇA

PARACATU JÁ É A 9ª MAIOR ECONOMIA DE MINAS GERAIS.

**PODE SE
ORGULHAR**



Quando uma cidade reconhece seus próprios alicerces

Sessão solene na Câmara Municipal celebra a entrega do Título de Cidadão Honorário a Valdir Rodrigues de Oliveira e José Wilson Moreira, homens cuja trajetória se confunde com a força e a dignidade de Paracatu



A noite desta sessão solene (1/12), realizada na Câmara Municipal de Paracatu, carregou o peso simbólico dos gestos que, silenciosamente, constroem uma cidade. Presidida pelo vereador Manoel Alves, também autor do título concedido a Valdir Rodrigues de Oliveira, a cerimônia reuniu autoridades, familiares, amigos e cidadãos para reconhecer duas histórias que, embora nascidas em outras terras, encontraram em Paracatu o solo fértil para prosperar.

Compuseram a mesa o presidente da Câmara, vereador Manoel Alves; o vereador Gesiel Magalhães, coautor da homenagem; o prefeito Igor Santos; o vice-prefeito Pedro Adjuto; e os homenageados da noite, Valdir Rodrigues de Oliveira e José Wilson Moreira. Cada presença representava um elo de compromisso com a memória viva que move a cidade.

Valdir Rodrigues de Oliveira: o homem de muitas jornadas



Nascido em Vazante, em 20 de novembro de 1965, Valdir Rodrigues de Oliveira aprendeu cedo a grandeza do trabalho. Filho de Pedro Rodrigues Fraga e Maria Aparecida de Oliveira, cresceu entre a lida do campo, os ensinamentos da família numerosa e a dureza da roça. A vida, porém, o conduziu por caminhos diversos, mineração, indústria farmacêutica, educação e até a formação religiosa, com passagens pelo Seminário Maior de Paracatu e pelo Seminário Carmelita, em São Paulo.

Essas experiências moldaram não apenas seu conhecimento acadêmico, mas a profundidade humana que o tornou referência. Ao lado da companheira de longa data, Valdirene Alves Pimenta, Valdir construiu família: é pai de Tamara e Lauany e avô apaixonado do pequeno Felipe, seu “grude”, seu norte afetivo.

Desde 2004, dedica-se à Cooperap. Foi conselheiro fiscal, conselheiro de administração, diretor de negócios, até assumir, em 2018, a presidência da instituição. Sua atuação atravessa desafios e conquistas, conduzida sempre por um coração solidário e uma disposição incansável para servir. Valdir tornou-se, sem alarde, parte da engrenagem que mantém viva a economia e a confiança cooperativista da região.

José Wilson Moreira: a força silenciosa que transforma



A história de José Wilson Moreira se desenha com a tinta da superação. Nascido em 25 de dezembro de 1952, em Carmo do Paranaíba, iniciou a vida profissional aos 16 anos no comércio de secos e molhados. Chegou a Paracatu em 1981 e, anos depois, deixou tudo para acompanhar o tratamento de saúde da esposa em Belo Horizonte, onde permaneceu até seu falecimento, em 1989.

O retorno a Paracatu marcou o começo: um pequeno comércio no Arraial d'Angola foi o primeiro passo de uma trajetória que, com trabalho e persistência, ergueria o Supermercado Paracatu, que se tornaria o maior da cidade. Em seguida, investiu na hotelaria,

inaugurando um dos principais hotéis do município.

Pai de seis filhos, entre eles um comerciante, três médicos e dois adolescentes, avô de nove netos e bisavô de três, José Wilson construiu sua vida pautada na fé, na simplicidade e na honestidade. Mesmo enfrentando problemas de saúde nos últimos anos, manteve-se resiliente, repetindo sempre a frase que simboliza sua visão de mundo:

“Na vida, a gente não leva nada, não é dono de nada e nem melhor que ninguém.”

É essa humildade grandiosa que faz dele um cidadão de Paracatu, antes mesmo da honraria. A cidade que ele abraçou o abraça de volta, reconhecendo nele um pilar que sustenta, inspira e une.

Durante a solenidade, diversas homenagens foram prestadas por meio de mensagens, vídeos e depoimentos de amigos e familiares, que fizeram do microfone um espaço de afeto e reconhecimento.

Na noite em que a Câmara Municipal entregou o Título de Cidadão Honorário a Valdir e José Wilson, não se homenagearam apenas dois homens. Homenageou-se a persistência, a fé, a simplicidade, o trabalho e o amor pela coletividade.

Homenageou-se, acima de tudo, o que faz uma cidade ser maior do que suas ruas: as pessoas que a constroem todos os dias.

NESTE NATAL

SEGUIMOS CONSTRUINDO JUNTOS
O QUE REALMENTE IMPORTA




FAMAG DESEJA A VOCÊ UM FIM DE ANO FIRME, LEVE E CHEIO DE REALIZAÇÕES.

Tradições que Adoçam a Memória: Cidade celebra encerramento de projeto cultural e inaugura a Exposição de Guirlandas

Entre histórias, receitas e afetos, o Projeto Tradições de Minas reafirma o valor da queijadinha como patrimônio imaterial e força cultural do povo paracatuense



A Casa Paracatu se encheu de aromas, vozes e lembranças para celebrar o encerramento do Projeto Tradições de Minas no dia 3 de dezembro, uma iniciativa nascida do desejo de preservar, valorizar e manter vivo um dos símbolos culturais mais afetivos do município: o modo tradicional de fazer a queijadinha paracatuense.

O evento reuniu o secretário de Cultura, Thiago Venâncio; a diretora de Cultura, Rose Cardoso; a coordenadora da Casa Paracatu e FAOP, Elisângela Caldas; além de parceiros e convidados que fortalecem diariamente as ações de preservação da memória local. A ambientação do espaço, assinada pelo artista Zé do Badauê, transformou a casa em obra viva, cores, símbolos e referências que ecoavam a identidade do povo paracatuense.

Mas o projeto foi além da cozinha. Ele abriu portas para que histórias, memórias e afetos atravessassem o tempo e encontrassem novos guardiões. Na oficina realizada, mais do que uma receita, transmitiu-se um saber ancestral, patrimônio imaterial que pulsa em cada família, bairro e geração que reconhece no doce o sabor da própria identidade.

Durante os dias de vivência, cada participante pôde sentir a força desse legado. Nas mãos que “pinicam” a massa, no cuidado ao misturar ingredientes simples, na hospitalidade mineira que transforma encontros em lembranças, revelava-se a essência de um povo que faz do cotidiano cultura, e da tradição, um gesto de amor.

O Tradições de Minas reafirma que o saber popular é um bem coletivo. A queijadinha, longe de ser apenas um doce, carrega convivência, união entre gerações, resistência cultural e a força de um povo que insiste em permanecer, mesmo diante do tempo que tenta apagar rastros.

Ao ensinar o preparo tradicional, o projeto fortalece o sentimento de pertencimento e acende o orgulho pelas raízes paracatuenses. Também incentiva o empreendedorismo local, abre oportunidades de renda e reforça o turismo gastronômico, mostrando que preservar o passado é, também, construir futuro.

A ideia nasceu do incentivo de familiares, amigos e conhecidos que reconhecem na queijadinha um tesouro cultural. Inspirado na trajetória de Sra. Marlene e Sra. Wilma, Mestres do Saber, o projeto buscou honrar e perpetuar os ensinamentos de mães, tias e avós que transformaram ingredientes sim-

ples em afeto, memória e tradição. Essas mulheres não apenas fazem doces: elas contam histórias e moldam vidas com suas mãos.

O encerramento celebra, ainda, todos os participantes que aceitaram o convite e mergulharam no resgate cultural. Que cada gesto aprendido, cada “pinicado”, cada modo de fazer seja levado adiante como propósito, sustento ou lembrança amorosa.

Ao concluir esta jornada, o projeto reafirma:

Transmitimos o modo tradicional de fazer a queijadinha às novas gerações.

Preservamos um patrimônio imaterial essencial à identidade de Paracatu.

Incentivamos o empoderamento social, especialmente de mulheres que encontram no saber fazer uma porta para empreender.

Fortalecemos o turismo cultural e gastronômico da cidade.

Mantivemos viva a tradição por meio de nossas Mestres do Saber, honrando o passado e inspirando o futuro.

Porque, no fim, é isso que nos move: mãos que transformam, arte que inspira e vida que se molda — assim como a queijadinha molda nossa história.

Abertura da Exposição de Guirlandas

A noite também marcou a abertura da Exposição de Guirlandas, um convite visual ao espírito natalino. A guirlanda, símbolo que atravessa séculos e culturas, apresenta-se como gesto de boas-vindas, proteção, prosperidade e renovação espiritual. Circular, adornada por folhagens, frutos, fitas e luzes, ela anuncia o afeto colocado nas portas e janelas de cada lar.

A oficina que originou as peças expostas foi idealizada por Elisângela Caldas e Cláudia Márcia. Elisângela, engajada na valorização e preservação da arte, desenvolve trabalhos em modelagem de barro e ministra oficinas que promovem cultura e ancestralidade. Já Cláudia Márcia, artesã experiente, trabalha com palha de milho, fuxico, pintura básica e transforma rejeitos naturais, folhas secas, sementes e cascas, em peças carregadas de significado.

A exposição está belíssima: cada guirlanda traz uma história, uma memória e um toque da essência de quem a criou. Uma celebração sensível do artesanato local e da força criativa que move Paracatu.



Entre a Farda e as Raízes: Paracatu consagra Norberto Willians como seu Filho Honorário

Em noite solene, a Câmara Municipal reconhece a trajetória de bravura, compromisso comunitário e defesa do meio ambiente do 1º Tenente que fez da cidade seu destino e sua missão



A Câmara Municipal de Paracatu abriu suas portas, na noite de 9 de dezembro, para mais do que uma solenidade: abriu espaço para a memória, a gratidão e o reconhecimento. Sob a presidência do vereador Manoel Alves, realizou-se a sessão solene de entrega do Título de Cidadão Honorário ao 1º Tenente Norberto Willians dos Santos Souza, honraria proposta pela vereadora Missionária Sara Diniz.

A cerimônia, marcada por respeito e emoção contida, celebrou uma trajetória que começou longe daqui, em Brumado, na Bahia, onde Norberto nasceu em 30 de novembro de 1975. Mas foi em 1977, ainda menino, que encontrou em Paracatu a terra que moldaria seu caráter, seu propósito e sua história.

Filho de José de Souza e Inês dos Santos Souza, cresceu entre os gestos simples do comércio local, onde exerceu diversas funções na juventude e aprendeu cedo o valor do trabalho, da disciplina e da convivência. Em 1999, aprovado em concurso público, ingressou na Polícia Militar de Minas Gerais, iniciando uma jornada que se tornaria referência para toda a região.

Ao longo de sua carreira, passou por diversas cidades mineiras, desempenhando funções operacionais, administrativas e de comando. Em 2017, foi promovido ao oficialato após aprovação no Curso de Habilitação de Oficiais, mais um passo firme na caminhada construída com estudo, técnica e vocação. Entre os cursos realizados, destacam-se armamento e tiro, defesa pessoal, policiamento comunitário e preservação da vida.

Mas foi em Paracatu que sua atuação ganhou contornos de pertencimento e impacto real. No policiamento comunitário e ambiental, Norberto deixou marcas profundas: idealizou redes de vizinhança protegida, aproximou a PMMG da sociedade, estruturou o Pelotão de Meio Ambiente e firmou parcerias essenciais com Ministério Público, Prefeitura, empresas e organizações da sociedade civil. Com essas articulações, viaturas 4x4 foram adquiridas, equipamentos especializados chegaram à

cidade e um quartel foi implantado no Parque Municipal Santuário dos Buritis, fortalecendo a proteção ambiental da região.

Sua liderança se estendeu a ações de combate ao desmatamento, ocupações irregulares e crimes contra recursos hídricos, bem como a campanhas educativas que alcançaram diversos municípios do Noroeste Mineiro. Ao longo da carreira, recebeu homenagens do Conselho Municipal de Segurança Pública, da Câmara Municipal, da Assembleia Legislativa e até da Câmara dos Deputados, reconhecimentos que traduzem a força e a relevância de seu trabalho.

Norberto também atuou em operações de reintegração de posse e participou de treinamentos contra ataques do chamado “novo cangaço”, utilizando veículos blindados. Em 2025, segue à frente do policiamento ambiental da região, agora também responsável pelas áreas rurais, e implementou avanços tecnológicos, como o uso de internet via Starlink nas viaturas, além de revitalizar a frota em parceria com Coopervap, VPA e ARPA.

Casado com Solange Soares Barbosa Santos e pai de três filhos, Norberto ergueu, ao longo de mais de duas décadas de serviço público, não apenas uma carreira, mas um legado. Um legado de coragem e presença; de diálogo e ação; de cuidado com as pessoas e com a terra que o acolheu.

Por tudo isso, a honraria entregue na noite de ontem não foi apenas um título: foi um gesto de pertencimento. Um reconhecimento de Paracatu a quem, há muito, já a escolheu como lar.

A solenidade contou com a presença do presidente da Câmara, Manoel Alves, do vice-prefeito Pedro Adjuto, da vereadora Missionária Sara Diniz e, ao centro de todas as homenagens, o agora Cidadão Honorário de Paracatu, Norberto Willians dos Santos Souza.

Uma noite em que a cidade, em voz institucional e afeto coletivo, disse ao seu homenageado: “Você é um dos nossos.”

Paracatu conquista certificação Ouro em transparência pública

Município atinge 88,77% no Programa Nacional de Transparência Pública e cumpre 100% dos critérios essenciais



O município de Paracatu alcançou a certificação Ouro no Programa Nacional de Transparência Pública (PNT), após atingir 88,77% no Índice de Transparência, conforme dados divulgados na quinta-feira (04/12) pelo Radar da Transparência Pública.

A certificação comprova que o município cumpriu 100% dos critérios essenciais, entre eles a divulgação de receitas, despesas, licitações, contratos, publicações oficiais e informações exigidas pela Lei de Acesso à Informação.

O PNT é coordenado pela Associação dos Membros dos Tribunais de Contas do Brasil (Atricon), com apoio do Tribunal de Contas da União (TCU), dos Tribunais de Contas Estaduais e Municipais, do Instituto Rui Barbosa e de órgãos nacionais de controle. O programa avalia e certifica portais de transparência de órgãos públicos em todo o país.

Na edição mais recente, 10.072 portais foram analisados no Brasil, e 1.082 receberam certificação nas categorias prata, ouro e diamante. A avaliação considera critérios

essenciais, obrigatórios e recomendados, conforme as exigências da Lei de Responsabilidade Fiscal.

Paracatu apresentou crescimento de 10,20% na pontuação em relação ao ano anterior. Em Minas Gerais, foram avaliados 1.581 portais públicos dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, e apenas 63 receberam algum tipo de selo.

O resultado é atribuído ao trabalho da Controladoria Geral do Município (CGM), responsável pelo envio, validação e monitoramento das informações no Portal da Transparência.

Segundo a controladora-geral, Elisângela Mesquita, o município pretende manter a evolução nos índices:

“Vamos continuar melhorando nossos processos para manter Paracatu alinhada às regras nacionais e reforçar uma gestão aberta, transparente e responsável.”

A cerimônia oficial de entrega dos selos deve ocorrer em breve, com participação dos Tribunais de Contas Estaduais.

Cecília Meireles: a voz que atravessou o tempo

Entre o silêncio e o infinito, a poeta que fez da delicadeza uma forma de eternidade



No dia 9 de novembro de 1964, o Brasil silenciou um pouco mais cedo. No Rio de Janeiro, Cecília Meireles despedia-se da vida, mas não do mundo. Seu corpo foi velado no Ministério da Educação e Cultura, e ali o país parecia compreender que não se velava apenas uma mulher, mas uma das maiores consciências poéticas da língua portuguesa.

Figura central da chamada Segunda Geração do Modernismo, ou Geração de 30, Cecília caminhou ao lado de nomes como Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes, Jorge de Lima e Murilo Mendes. Entre tantos grandes, destacou-se como a principal voz feminina da poesia moderna brasileira, não por imposição, mas por delicadeza, rigor e profundidade.

A rigor, Cecília nunca se deixou aprisionar por rótulos. Não se filiou a escolas nem a modismos literários. Sua poesia seguiu o curso das tradições líricas luso-brasileiras, mas suas primeiras obras ainda traziam a atmosfera do Simbolismo: religiosidade, desassossego, solidão e introspecção. Em seus versos, o desespero não

era grito, mas sussurro. E o misticismo não era fuga, mas encontro.

Havia em sua obra uma consciência rara de si e do próprio destino poético. Como quem entende que viver é também cantar o instante, Cecília escreveu com a lucidez de quem transforma o efêmero em permanência: “*Eu canto porque o instante existe e a minha vida está completa. Não sou alegre nem sou triste: sou poeta.*”

Mesmo décadas após sua partida, Cecília seguiu presente na memória nacional. Em 1989, foi homenageada pelo Banco Central, tendo seu rosto estampado na cédula de cem cruzados novos, gesto simbólico que reconheceu, na arte, um dos maiores patrimônios do Brasil.

Cecília Meireles não pertence apenas à história da literatura. Ela pertence ao território invisível onde moram as palavras que nos salvam. Sua poesia permanece como um rio sereno que atravessa gerações, ensinando que a vida não é posse, é passagem; não é grito, é canto; não é ruído, é eternidade.

O lixo que nos denuncia

Entre o atraso e a urgência, os resíduos revelam um país que ainda vive dívidas ambientais, sociais e morais com o próprio futuro

O destino do lixo no Brasil é um espetáculo que não perdoa. Nele vemos refletido um país que ainda caminha com passos do século passado, mesmo vivendo sob a promessa das leis modernas. Lixões a céu aberto, rios que viram depósito, solos adoecidos e céus marcados pela fumaça de queimadas de resíduos revelam uma realidade dura: avançamos no discurso, mas tropeçamos na prática.

Apesar da existência da Política Nacional de Resíduos Sólidos, quase 40% dos municípios ainda utilizam lixões. Em pleno 2025, o que deveria ser exceção segue como regra. Aterros sanitários adequados são raros, a coleta seletiva é frágil e a reciclagem mal ultrapassa 4% do total de resíduos produzidos. Não falta legislação, falta decisão.

Cada brasileiro produz, em média, um quilo de lixo todos os dias. Restos de alimentos, embalagens plásticas, papelão, vidro, metais, roupas, calçados e equipamentos eletrônicos se acumulam em sacos que somam mais de 365 quilos por pessoa ao ano. Apenas cerca de metade desse volume chega a aterros legalizados. Menos de 10% volta ao ciclo produtivo por meio da reciclagem. O resto? Some nos fundos das cidades, nas margens dos córregos, nas esquinas esquecidas da consciência coletiva.

O problema do lixo caminha lado a lado com a falta de saneamento básico. Água sem tratamento e esgoto a céu aberto formam, junto aos resíduos mal descarta-

dos, um cenário fértil para doenças, contaminações e desigualdades. É um “combo” cruel que compromete a saúde pública e empurra comunidades inteiras para um ciclo de vulnerabilidade.

Conforme vários estudiosos que apontam o que há por trás desse atraso: falta de recursos, carência de capacitação técnica, descontinuidade de políticas públicas a cada troca de gestão e a quase inexistência de uma educação ambiental permanente. Sem planejamento de longo prazo, o lixo continua sendo tratado como algo que “desaparece” depois que sai de casa, quando, na verdade, ele apenas muda de lugar.

O impacto ambiental é profundo. Rios tornam-se veias entupidadas de plástico. O solo absorve a contaminação. Os oceanos recebem resíduos que atravessam continentes. O lixo eletrônico, com seus metais pesados, torna tudo ainda mais perigoso, silencioso e duradouro.

E a realidade não está distante: ela mora na nossa própria cidade. A cena se repete ano após ano. O lixo descartado de forma irregular, espalhado nas ruas, jogado em terrenos baldios e, de forma revoltante, na Praça da Matriz de Santo Antônio. Um espaço de fé, história e convivência transformado em símbolo de descaso. Um absurdo que revela muito mais do que sujeira: revela desrespeito coletivo.

A cidade não é um lugar sem dono.

Ninguém está sozinho dentro de uma comunidade. Viver em sociedade é um pacto silencioso de cuidado mútuo. Jogar lixo no chão, na praça, na porta do vizinho, é rasgar esse pacto todos os dias.

O destino do lixo, no fim, não é apenas uma questão ambiental. É uma questão de

mentalidade. Enquanto não entendermos que cada embalagem jogada fora carrega responsabilidade, seguiremos presos a um tempo que o mundo já quis superar.

O lixo que jogamos fora é o mesmo que volta para nos cobrar. E ele sempre cobra com juros.



Há lugares que não cabem no mapa, cabem apenas na alma. O Santana é um deles

O compositor e escritor Adailton Silva – Didi assina o texto “Moradores do Santana, Eternos Inquilinos da Memória”, que o Jornal O Lábaro registra como uma homenagem aos filhos do Santana. Recordar essas pessoas é mais que saudade: é erguer, uma por uma, as casas invisíveis onde elas ainda moram dentro de nós. E é por isso que essas linhas se levantam como um brinde à vida simples, forte e barulhenta que fez do Santana uma república de afetos, risos e histórias. Segue o texto na integra:

MORADORES DO “SANTANA”, ETERNOS INQUILINOS DA MEMÓRIA

Por Adailton Silva –Didi
29/Novembro/2025

Idos de 1930 a 1990, mais ou menos...
Em Paracatu, Minas Gerais
Bairro do Santana

A todos que listei abaixo, minha mais cordial homenagem, foi muito alegre lembrar. Com desejo de que fossem eternos, faço reverência a uma “ponxada”, in-memoriam.

Aqui está uma “mãozada” cheia de amigos e conhecidos, a todos faço mesura e peço licença pra eternizar seus nomes nessa “tela que brilha”, avenida de internet, que passará a ostentar essa turma tão digna.

Minha intenção era somente provocar suas lembranças mas atinei surpreso, por óbvio, que a mão dessa gente construiu Paracatu, o maior bairro, tribo ou quase quilombo da cidade de então, como queiram. Momentos, gestos, frases, respirações e feições que trago comigo, por nunca terem me negado sorriso, assunto ou aceno.

Um amigo exclamou:
Didi, só “Boca Preta” original! Vá eu saber quem criou essa alcunha “tribal” ao “Santana”!? Mas foi de lá!



Imprimiram suas marcas, vozes, da lavadeira da “praia”, às quitadeiras, das doceiras ao mestre de obras, do carroceiro ao doutor; personagens de uma terra que já lançou galhadas ao ar e agora, dá pouso calmo e suave a aves gente, vindas de vãos, somando, ficando.

Rabisquei essa lista com o empurrão da saudade, muitos outros há; apelidos? Não me culpem, o mérito dessa culpa per-

tence todo à “Barriguda” e ao “Toco do Pecado” quase lar de assíduos frequentadores, pontos de prosa com dose entornada de vagabundagem da boa, velha mania de assuntos; dali, ninguém saia ileso, não precisava estar, bastava passar e, sem “bullying”, e com muita risada, lá vinha o apelido; era o jeito deles de acarinhar.

Mulheres? Ah, elas foram e são o teci-do belo que permeia tudo.

Deixarei “pra mais logo”, fuxicar suas belezas.

O meu lembrar trouxe os meus, que o seu traga os seus; eu, só quis um carrinho de mão, sobrado de lembranças.

Ei-los, quatrocentos e vinte e nove nomes, (Nunca imaginei lembrar tantos); apelidos, grafias “de guerra”, alcunhas de rua, de convívio, como eram chamados, de como atendiam e de onde até brotavam enfeza-mentos. Outros, nem prescindiram de lastro de família, surgiam sós, fortes, impávidos, sozinhos. Pode ser que alguma raiva ou ojeriza dê de inventar, mas com certeza, sucumbirão às gargalhadas nostálgicas do recordar.

Companheirada minha de viagem, nessa estrada boa e doida de vida.

Uns seguem folgados, apinhados na boleia, outros tomam poeira, mas desfrutam do vento no rosto e seguem farreando na carroceria; mas todos, cada um a seu modo, “pruveitano” a viagem, passageiros de planuras e “bacadas” nesse mundo de Deus. Algum lapso de memória? É possível, vão ajeitando por aí, que a mim é só brisa de tempo, cheia de vontades sãs.

Marquem uma reunião de saudades que eu vou!

Abião de Só Cãindo
Acácio Bico de Pato
Acácio Vidrão
Acibide “Aqui Possui Água”
Adelcio Rerrêu de Dona Cidinha
Adelmar Ulhôa
Adelino, irmão de Dona Lídia
Agustin Marreta, Ferreiro
Augusto, de Só Deodato
Alaôr Cozinheiro
Alcides Bastos
Alicério
Almir Paraca
Aluisio Meireles
Alvin, de Só Arenos
Amilton, de Só Arenos
Arlindo de Sá Muricinha
Anael, de Salvadorão
Anísio Tipança
Antonio Cardoso
Antonio Careca, de Donzeca
Antônio de Bastos
Antonio Noturno
Anselmo, Almadinha
Alcir Ruão
Arnoldo, de Marinha
Arnaldo, de Marinha
Arnaldo, de Dita
Bá, de Só Alencar
Bahia
Barbosinha
Basilin, de Só Basílio
Béco do Becão
Benedito do Correio
Benito, de Sá Benedita
Beijamim (Irmão de “Leste”)
Beigo, de Chico Fiscal
Berengada
Betin Carvalho
Betizin
Bial de Só Levino
Bidi de Dedé Balãozin
Bidó
Bidú
Bil de Sivi
Bindito Tunicão
Biel de Zé de Leno
Bin de Só Milico
Bini Cardoso
Binidito Vidal
Birinha, de Marinha
Buião
Bombardino Filho
Bombardino Pai
Cadin Bijos
Carmelo André
Carlos de Só Alcides
Carlin, de Só Deodato
Carlos Digan
Carlin Biscoitão
Carlin Bombêro
Carlin Calça
Carlin Sabará, de Só Teixeira
Carlin Feiúra
Carrochinha
César, de Mané Galinha
Celino Cardoso
Célio, de Zé de Jovino
Célio Catitú, de Clementino
Chicão, de Zé de Jovino
Chico Cardoso
Chico Doido

Chico Fiscal
Chicão, de Dedé Balãozin
Chinês, de Sá Nigrinha
Chirstiano Bezerra
Chiquin de Deco
Clementino
Curtis Bijos
Jeovani Manguêra
Marcelo Perdazy (Corélio)
Marquin Cuica
Márcio Tatá
Dainha
Dael
Damião
Dandão
Darci Ganchão
Darin Cuinha
Darin, de Sá Nigrinha
Davi Zetelo, de Chico Fiscal
Davi Capiri, de Só Deodato
De Pádua, de Tunico Neto
Deco Cardoso
Dedé Balãozin
Demá Sistema
Dero, de Dona Áurea
Dica, de Dona Ana
Didi, de Só Honório
Ditão, Pilão, de Benedito Vidal
Ditin, de Zito de Joel
Dito de Sá Cota
Dito Égua
Dito de Sá Iraci
Diquin, de Dona Áurea
Donzeca
Dué
Duralde
Dú, de Lucas, Podú
Durval da Padaria
Elcio de Fofó, Pepelço
Dinaldo, de Arnaldo de Marinha
Edmar, de Dona Mundinha
Édson de Sá Nozinha
Eliêzer, Canela Fina
Eliomar de Bá
Elismar de Bá
Enio de Viriato
Enio de Só Orlando
Enio de Só Betin
Enio de Vani
Enos de Só Alcides
Euclidão de Sá Muricinha
Eurico Tampinha
Fabão
Fabiano, de Ana de Teixeira
Fabrício, de Nininha
Fefeu
Fefeuzin
Fofó
Fôfo, de Só Waillant
Fabiano, de Só Teixeira
Faustin Mastraia
Ficiano Carvalho
Flávio (Irmão de Fabão)
Florival da Rádio
Fulô
Gabriel Guelão, de Zé Canhão
Ganchão da Pracinha

Geraldão da Ladeira
Geraldo Bezerra
Gersão, de Geraldão
Gilberto Calango
Guerão
Guêra
Guigo, de Tenente Washington
Guri
Gustavão Meireles
Guti de Só Osvaldo
Hermógenes
Hélio Carvalho
Heron Machado (Peleron)
Homero Neto
Ioiote, de Ana de Teixeira
Isaac, de Maria Adelina
Isaias , de Só Calebe
Ismael Zelão
Ítalo, de Só Orlando
Ivo Blaga
Jair Conhaque
Jairo Bijos
Janjão
Jarbas (Treinou o Santana)
Jerônimo, de Só Basílio
Jessé Cuinha
Jessé, de Só Levino
João Bezerra
João d’Abadia, de Só Leno
João Rosa, de Sá Cota
João Bastos
João Culiú, de Ana de Teixeira
João Cuinha
João Francisco, Tio João
João Gavão
João Lúcio
João Abadia, de Só Leno
João, de Só Arenos
João Goiano
Joaquim Bezerra
Joaquim Cererê
Joaquim, de Só Humbelino
Joel, de Tunico Neto
Joel, de Só Cota
Joaquim de Tunicão
Jorge Carbureto
Juarez, de Sá Benzica
Juarez, de Joaquim do Correio
Jueli Jordão
Júlio de Sá Ana
Junin de Marta
Juvenal Tampinha
Leste
Levinin Mecânico
Liverão Pedreiro
Lino de Vó, de Sá Cota
Lizeu de Tunicão
Lolô, de Donzeca
Lourenço, de Tenente Silvío
Luca Bocão
Lucas Silva
Lução Marreta
Luciano Cardoso
Lucin, de Fulô
Lucin, de Waillant
Luciano, de Sá Benzica
Luiz Dário, Sanfoneiro
Lula Damasceno
Lulu Sainha
Luca Bocão
Maneco Pereira, Coléo
Manegão

Manel Cardoso
Mané Galinha
Manel Jorgeta
Marin de Bel
Márcio de Beco
Marcello de Sá Cota
Mário Ulhôa
Mário na Paia
Marquin Saci
Maurício de Gustavão Meireles
Mazin de Paulin da Água
Mercino Papa-mel
Mezulam, de Chico Fiscal
Miguelzin, de Christiano
Milton Uruçuia
Mimi, de Fofó, Cafeteira
Milton, de Só Orlando
Moí Vidal
Moma, de Dona Mundinha
Muel de Lucas, Aramada
Nêmi Pedreiro, de Sá Benedita
Ném Bocão, de Dico Boiadeiro
Negrão Cardoso
Nenzito
Nélio Caetano
Nelsin de Anísia
Nelson Bêu, de Só Oswaldo
Nelson, Canelinho do Brasil
Nezin Vidal
Nicomedes, Nico
Niquin, de Antônio Gonçalves
Orelhinha, dos Cardoso
Orlandin Batista
Oswaldo de Sá Muricinha
Pacote, dos Bastos
Papai Tocha
Paulin Brochado
Paulin da Água
Paulin de Só Levino
Paulo Cardoso
Paulo na Poia
Paulo Turuna
Pedro de Sá Cota
Pedro Borges
Pedro de Sá Zefa
Pedrão, de Tenente Silvío
Pedrinha de Anísia
Pide Sapatão, de Zé de Leno
Pirinda, dos Cardoso
Perón Meireles
Norin de Fofó, Pé no Trio
Queijo, de Chico Fiscal
Quinca, de Sá Nigrinha
Quintino, de Sá Muricinha
Quinzin, de Só Humbelino
Relaxo
Rildo, de Darci Ganchão
Badá, de Salvadorão
Robertin Carvalho
Robertin, de Zé de Leno
Roberto Eradinha
Roberto Jumela
Rogério Facão, de Béco
Rogério Poeta, de Christiano
Ronaldo, de Lodelino
Rosa Branca
Rosileno Ulhôa, de Dona Diva
Rui, de Paulo Cardoso
Rui, de Marta
Rubão, de Julhão
Sandrin Pank de Só Orlando

Saulo, de Paulo Cardoso
Severiano do Carmo, Sivi
Silão de Lucas, Puiú
Silfíôr, de Tenente Silvío
Silvano Bicuda, de Dita
Silvão (da padaria de Só Virgílio)
Silvío, de Tenente Silvío
Silvio Bicurí
Silvio de Herenita
Silvio Lobita
Silvio Panga
Solatin Meireles
Sonson
Stanley Bastos
Só Agapito
Só Almada
Só Alencar
Só Antônio de Bastos
Só Arenos
Só Aristides
Só Balbino Bastos
Só Basílio
Só Bena
Só Betim
Só Deodato
Só Caetano, Barbeiro
Só Cãindo
Só Caleb da Copasa
Só Dico Boiadeiro
Só Deiró
Só Dico da Ladeira, Motorista
Só Honório Silva
Só João Evangelista
Só Juarez Cardoso
Só Leão da Venda
Só Leno
Só Levino
Só Lodelino
Só Milico
Só Gustavão Meireles
Só Orlando Batista
Só Oswaldo da Caixa D’Água
Só Texêra
Só Tunicão
Só Tunico Neto
Só Virgílio Bijos
Só Waterloo
Tabinha Carroceiro
Tadeu Doido, de Dona Diva
Tão Cardoso
Tepa de Chico Fiscal
Tenente Silvío
Tenente Washington
Teteco Cebola
Tião de Elói
Tião da Hora, da venda
Tião Medonho, de Vida
Tito, de Só Basílio
Thiago, Guima, de Didi
Tim Squarema, de Vida
Tonin, de Tomba
Tonin, de Sá Iraci
Tóin Peruana, de Zé de Jovino
Tóin Lingote
Toinzin
Tunchin de Sá Pisquinha
Tunico Neto
Vadin de Xisto
Vadozão
Vadô Loleba
Vadozin Caixa D’Água

Vainha de Zé de Leno
Vatin, de Leão
Viana, Manga
Virgílio Bijos
Viriato, de Chico Fiscal
Vitín, de Só Orlando
Vovô Bijos
Walcir da Ladeira
Wagner, de Tenente Washington
Wagner Mecânico
Walterson de Nininha
Waldir Cardoso
William de Só Orlando
Winton, de Tenente Washington
Xicada, de Xisto
Xicão de Dedé Balãozin
Xicoró de Sá Nigrinha
Xisto
Yuri de Lucy, Klubis
Zé a Gia
Zezinha de Lucas, Xembras
Zanata, de Vadozão
Zelão
Zé Ozano, Carroceiro
Zezé, de Anísia
Zezé, de Bichinha
Zé Babão
Zé Batatinha
Zé Bezerra, de Joaquim Bezerra
Zé Biban, de Dirce
Zé Binidito, Chinês
Zé Bastos
Zé Borges
Zé de Vó, de Sá Cota
Zé Capó
Zé Carlos da Venda
Zé Carlos Bombardino
Zé Gato, de Zé de Jovino
Zé de Áurea
Zé de Iraci
Zé de Jovino
Zé de Leno
Zé Tampinha
Zé de Tunicão
Zé Canhão
Zé Doce
Zé, de Jovino
Zé de Vó, de Sá Cota
Zé Eugenio
Zé Joel, (Loial), de Zito Ulhôa
Zé Joel de Tunico Neto
Zé Forró
Zé Goiano
Zé Humberto, de Tunico Neto
Zé Júlio Boquinha
Zé Lobão
Zé Marino, Mão de Melete
Zé Pacheco
Zé Polanga
Zé Pretin, Padiola
Zé Preto Boran
Zé Rogério Mecânico
Zé Tampinha
Zés, de Sá Rosa
Ziel Cardoso
Zoca
Zué da Gia ou de Sá Rosa
Zué Vidal

FANTA: A BEBIDA QUE NASCEU DA ESCASSEZ E ATRAVESSOU A GUERRA PARA GANHAR O MUNDO



A trajetória da Fanta começa em 1940, em uma Alemanha cercada por bloqueios e incertezas. Sem poder importar o xarope tradicional dos Estados Unidos, a filial alemã da Coca-Cola viu-se diante de um impasse: interromper as operações ou reinventar-se. Sob a liderança de Max Keith, a escolha foi a segunda.

Com acesso limitado a insumos, Keith apostou no que havia. Da indústria local vieram fibras de maçã, resíduos da produção de sidra, e soro de leite, subproduto da fabricação de queijo. Da necessidade nasceu uma mistura improvável, que ele próprio descreveu como feita “do resto dos restos”. Assim surgia uma bebida concebida não por ambição comercial, mas pela urgência de atravessar tempos hostis.

O nome também brotou dessa inventividade forçada. Durante um concurso informal, Keith pediu que a equipe recorresse à imaginação, Fantasie, em alemão. Um vendedor, Joe Knipp, sugeriu “Fanta”, e a simplicidade do nome rapidamente conquistou espaço.

A resposta do público surpreendeu. Mesmo em plena guerra, em 1943, mais de 3 milhões de caixas foram vendidas. Com o racionamento de açúcar, o refrigerante ganhou usos inesperados: era adicionado a sopas, caldos e ensopados para trazer algum sabor aos pratos de uma Alemanha empobrecida.

Embora tenha surgido em território sob domínio nazista, a criação da Fanta não teve vínculos ideológicos com o regime. A própria Coca-Cola afirma que Max Keith e a subsidiária alemã não mantinham associação com o Partido Nazista, sua preocupação era, sobretudo, manter a empresa viva durante o conflito.

Com o fim da guerra, a matriz retomou o controle da unidade alemã e a produção da fórmula original foi descontinuada. Mas a história da Fanta estava longe de terminar. Em 1955, nasceu em Nápoles, na Itália, agora com sabor de laranja, versão que se espalhou pelo mundo e permanece como identidade da marca até hoje.

De bebida improvisada em meio à escassez a ícone global de refrescância, a Fanta carrega nas suas origens o raro feito de transformar limitações extremas em reinvenção, e reinvenção em legado.

ASSINATURA DA ORDEM DE SERVIÇO DA UBS JARDIM VITÓRIA

Um novo capítulo para a saúde



no bairro que nasce com futuro

A Prefeitura de Paracatu assinou, na tarde da quarta-feira (2), a ordem de serviço para a construção da Unidade Básica de Saúde (UBS) do Jardim Vitória. A cerimônia, realizada sob uma chuva muito esperada, símbolo de renovação para o bairro, contou com a presença do prefeito Igor Santos; do vice-prefeito Pedro Adjuto; do secretário de Governo, Altanir Júnior; do secretário de Saúde, Umarques Couto; do presidente do bairro, Gabriel Araújo; do vereador Wesley Ribeiro; além do vereador Ernesto Silva, requerente da obra, e do vereador Geisiel, proponente do nome da unidade em homenagem ao Dr. Maximiniano Aubert Correa.

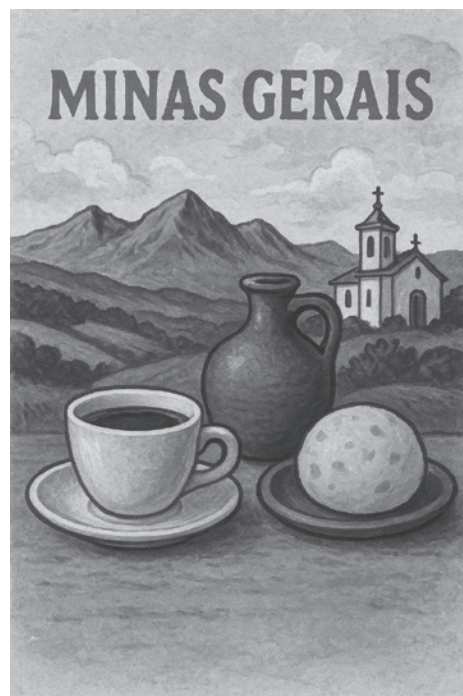
A nova UBS reforça o compromisso da gestão municipal com a expansão da Atenção Primária. Projetada com ambientes climatizados e totalmente acessíveis, a unidade contará com Médico(a) de Família e Comunidade, enfermeiro, técnico de enfermagem, agentes comunitários de saúde, dentista e ASB/TSB. Sua estrutura inclui consultórios médicos, de enfermagem e odontológico; sala de vacinas; sala de procedimentos; sala de curativos; acolhimento e classificação de risco; além de áreas administrativas e espaços destinados à educação em saúde.

Financiada com recurso enviado pela deputada estadual Marli Ribeiro e executada pela Construtora ESSA, a obra tem previsão de conclusão em oito meses.

Há também uma sugestão de incorporar uma área verde ao entorno da unidade, um espaço capaz de oferecer sombra, conforto e mais qualidade de vida aos usuários. Em bairros em desenvolvimento, a presença de árvores e jardins contribui para reduzir a temperatura, criar pontos de convivência e tornar o ambiente mais acolhedor, humanizando ainda mais o atendimento.

Com essa iniciativa, o Jardim Vitória avança na consolidação de sua infraestrutura e ganha uma nova referência de cuidado, fortalecendo o compromisso do município com uma saúde mais próxima, humana e eficiente.

MINAS GERAIS, 305 ANOS: ENTRE MONTANHAS, MEMÓRIAS E MINEIRIDADE



Minas Gerais completou 305 anos. Três séculos e um punhado de décadas de história, cultura, fé e trabalho que moldaram um território onde o tempo parece conversar com a gente.

Ser mineiro é mais que um gentílico, é um estado de espírito. É aconchego, colo, prosa na porta, café passado na hora, pão de queijo saindo do forno, bolinho de fubá que perfuma a casa. É olhar para as montanhas e sentir que elas nos abraçam, mesmo

quando estamos longe. Minas é esse afeto que a gente não explica: só sente.

Nascida oficialmente em 2 de dezembro de 1720, com a criação da Capitania de Minas Gerais, tendo Vila Rica, hoje Ouro Preto, como capital, Minas cresceu carregando em si a grandeza de suas cidades históricas e a força de seu povo, que escreveu capítulos decisivos da construção do Brasil.

Mas Minas é também potência: riqueza mineral, inovação industrial, agropecuária vigorosa e uma economia que avança sem esquecer a própria alma. Um estado que se moderniza mantendo intactas a memória, a fé e a tradição.

Ao celebrar 305 anos, Minas reafirma aquilo que todos que passam por aqui já sabem: quem conhece, não esquece jamais.

E nós, de Paracatu, somos parte viva dessa história, herdeiros da mineiridade que sustenta, inspira e segue iluminando caminhos.

Um poema de Adélia Prado para abri-lhantar o aniversário de Minas:

A Serenata

Uma noite de lua pálida e gerânios
ele viria com boca e mão incríveis
tocar flauta no jardim.

Estou no começo do meu desespero
e só vejo dois caminhos:

ou viro doida ou santa.

Eu que rejeito e exprobo

o que não for natural como sangue e veias
descubro que estou chorando todo dia,
os cabelos entristecidos
a pele assaltada de indecisão.

Quando ele vier, porque é certo que vem,
de que modo vou chegar ao balcão sem
juventude?

A lua, os gerânios e ele serão os mesmos
— só a mulher entre as coisas envelhece.

De que modo vou abrir a janela, se não
for doida?

Como a fecharei, se não for santa?

Adélia Prado

O DIA NACIONAL DO SAMBA: QUANDO O BRASIL SE RECONHECE NO COMPASSO DA PRÓPRIA ALMA

2 de dezembro, a data em que a memória canta e o país recomeça no ritmo do pandeiro



O samba tem dessas coisas que só a grandeza popular consegue explicar. Ele nasce de uma dor antiga, cresce nos becos

apertados, encontra a luz na roda e, quando percebe, já virou país. No dia 2 de dezembro, o Brasil inteiro se curvou diante dessa história, e celebra o Dia Nacional do Samba, uma data que carrega muito mais do que música: carrega memória, luta, afeto e a força ancestral que moldou nossa identidade.

Uma homenagem mineira com alma baiana

A origem da celebração está em Salvador, Bahia, e nasce de um gesto singular de reconhecimento. O vereador Edmundo Almeida sugeriu uma homenagem a Ary Barroso, mineiro de Ubá, autor de clássicos como “Na Baixa do Sapateiro”. Embora Ary fosse mineiro, sua ligação com o samba baiano era tão profunda que o 2 de dezembro foi escolhido para marcar a primeira vez em que ele pisou na Bahia.

A festa cresceu, rodou o país e, em 1963, tornou-se oficial. Desde 2007, está garantida em lei: o Brasil tem um dia para cantar sua própria história.

Samba: patrimônio, povo e permanência

O samba é mais que gênero musical: é território de pertencimento e reinvenção. Como disse Cartola, “O mundo é um moínho”, mas o samba sempre soube transformar o que esfarela em poesia que fica.

Feito de mãos negras, de passos firmes, de corpos que dançam apesar das cicatrizes, o samba foi, e ainda é, resistência. Clementina de Jesus, com sua voz ancestral, já dizia que no samba mora “a força dos nossos mais velhos”. Em 2005, a UNESCO reconheceu oficialmente o que o povo já sabia: o samba é Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade.

Um país que se reúne em roda

O 2 de dezembro celebra mestres e mestras que moldaram o Brasil: Pixinguinha e suas melodias que parecem conversar com Deus; Noel Rosa e sua poesia que enxerga o humor do cotidiano; Dona Ivone Lara, que transformou a dor em canto; Beth Carvalho, que chamou de “filhos” os compositores esquecidos e os trouxe para o centro da roda.

E como lembrou Paulinho da Viola, “Samba, meu bem, você que é feito de alegria e de tristeza... Tem a manhã do meu viver.”

É isso: o samba guarda a manhã e guarda a noite. Guarda o que fomos e o que ainda seremos.

Celebrar é lembrar

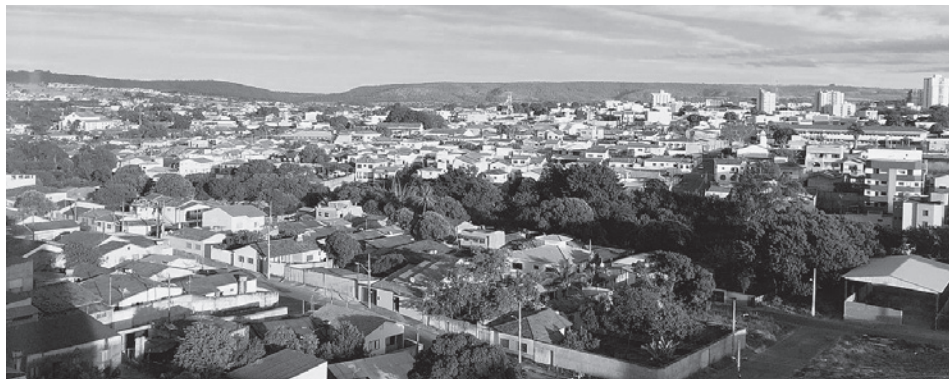
No Dia Nacional do Samba, celebramos não apenas uma música, mas uma herança que atravessa séculos. Celebramos os terreiros, os quintais, as escolas de samba, as mulheres que abriram alas, os compositores das madrugadas, os ritmistas anônimos, a roda que nunca se desfaz.

Porque, como escreveu Vinícius de Moraes, “O samba nasceu lá na Bahia, E se hoje ele é branco na poesia, Ele é negro demais no coração.”

E é desse coração que o Brasil pulsa, firme, redondo, eterno.



Quando o céu demora: Paracatu e a seca que pede respostas



Em Paracatu, os sinais do clima são cada vez mais claros: longos períodos sem chuva, nascentes que diminuem o fluxo e plantações que já não encontram o mesmo vigor. Inserida no coração do Cerrado, a cidade sempre conviveu com um regime de chuvas concentrado e um período seco que se prolonga por quatro ou cinco meses, é o ritmo natural do bioma.

Mas a estiagem recente ultrapassa o esperado. Em áreas rurais, há relatos de mais de 90 dias consecutivos sem chuva, com perdas expressivas na produção agrícola. A sensação de que “o clima mudou” deixou de ser impressão e passou a ser dado observável.

Outro alerta vem do próprio território. Estudos mostram que apenas 22,6% da área de Paracatu ainda preserva vegetação nativa. O restante cedeu lugar ao avanço agrícola, às pastagens e ao crescimento urbano. E no Cerrado, conhecido como a “caixa d’água do Brasil”, quando o verde se retrai, a água também se retrai. A vegetação é peça-chave para manter a umidade, alimentar os aquíferos e regular o ciclo das chuvas.

Pesquisadores têm demonstrado essa relação com nitidez: em municípios do Cerrado monitorados por mais de três décadas, a precipitação anual chegou a cair até 32% devido à mudança no uso do solo. Em Paracatu, os sinais seguem essa direção:

menos árvores significam menos infiltração, menos umidade devolvida à atmosfera e um clima cada vez mais seco, quente e irregular.

Diante desse cenário, o debate ambiental se torna urgente. A seca que atravessa a cidade não pode ser vista como mero capricho da estação. É um sintoma, e um alerta. Recuperar áreas degradadas, recompor matas ciliares, proteger nascentes e investir em arborização urbana deixam de ser escolhas estéticas e se tornam medidas essenciais de adaptação climática.

E a pergunta que fica é direta, quase inquietante: a falta de chuva em Paracatu é apenas efeito do clima global, ou também reflexo do modo como tratamos a terra que nos sustenta?

Talvez a resposta esteja menos no céu que demora e mais no cuidado, ou descuido, que cultivamos no chão.

Referências

NESCON/UFGM – Climatologia do Cerrado e regime de chuvas. ClimaTempo – Dados climáticos de Paracatu.

Notícias Agrícolas – Produtores relatam mais de 90 dias sem chuva em Paracatu.

Estudo sobre uso do solo em Paracatu – 22,6% de vegetação nativa preservada.

MDPI – Redução de chuvas devido à mudança no uso da terra (1990–2022).

O Brasil dividido de Ariano Suassuna continua existindo

Mesmo com avanços recentes, desigualdades estruturais seguem moldando o país em dois mundos

“É muito difícil vencer a injustiça secular, que dilacera o Brasil em dois países distintos: o país dos privilegiados e o país dos despossuídos.”

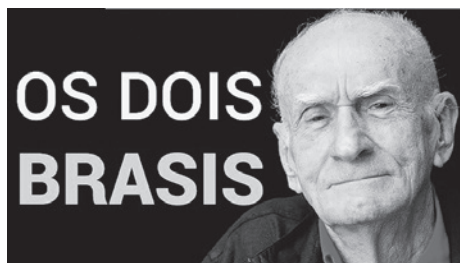
A advertência de Ariano Suassuna, escrita décadas atrás, volta a ecoar em 2025, ainda dolorosamente atual.

Os números recentes mostram progresso. Em 2024, o país registrou a maior renda domiciliar per capita da série histórica, R\$ 2.020, além da queda mais expressiva no Índice de Gini desde 2012, indicando redução da desigualdade. A pobreza também diminuiu nas metrópoles, passando de 31,1% para 19,4% entre 2021 e 2024. Pesquisas apontam ainda que os mais pobres tiveram aumento de renda acima da média nacional, impulsionados pelo mercado de trabalho aquecido e por programas sociais.

Mas os dados, embora positivos, não desenharam o quadro completo.

A desigualdade racial permanece profunda: pessoas negras seguem recebendo pouco mais da metade da renda das pessoas brancas. A informalidade é mais alta entre pretos e pardos, e mulheres negras continuam sendo o grupo mais afetado pela desocupação e subemprego. O topo da pirâmide também mantém seu peso: o 1% mais rico ganha, em média, mais de 30 vezes o que recebe a metade mais pobre do país.

É o paradoxo brasileiro: médias que



melhoram, estruturas que resistem. Crescimento que avança, mas não alcança todos.

O país apresenta avanços materiais, mas continua falhando em distribuição de oportunidades, em acesso real a educação de qualidade, moradia digna, saúde eficiente e trabalho justo. As marcas históricas de raça, gênero e classe seguem definindo quem sobe e quem permanece à margem.

Superar essa “injustiça secular”, como disse Suassuna, exige mais que números positivos. Exige coragem política, ação contínua e um compromisso coletivo com a dignidade humana.

Enquanto isso não acontece, seguimos vivendo em dois Brasis: um que prospera, outro que resiste. Ambos separados por muros invisíveis, porém impossíveis de ignorar.

Referência:

SUASSUNA, Ariano. O Brasil que eu quero. Entrevistas e reflexões sobre cultura, política e identidade brasileira.

Paracatu está cercada de loteamentos. Será que está tudo certo?

Expansão urbana exige planejamento, licenciamento ambiental e respeito às leis para não transformar crescimento em desequilíbrio

Nos últimos anos, Paracatu tem assistido a um movimento constante de expansão urbana. Novos loteamentos brotam nos arredores da cidade, ocupando áreas antes rurais, muitas delas próximas a nascentes e córregos. À primeira vista, o cenário pode parecer um sinal de progresso. Mas há uma pergunta que precisa ser feita com seriedade: está tudo sendo feito da forma correta?

O crescimento urbano, quando conduzido sem planejamento e sem o devido cuidado ambiental, deixa marcas profundas: impermeabilização do solo, aumento das enchentes, perda da vegetação nativa e pressão sobre os recursos hídricos. Por isso, mais do que abrir ruas e erguer muros, expandir uma cidade exige um compromisso coletivo com a sustentabilidade e o cumprimento rigoroso da legislação.

Planejamento e legislação municipal

O primeiro passo para um desenvolvimento equilibrado é o planejamento urbano. Cabe ao município garantir que o avanço dos loteamentos não se transforme em expansão desordenada. O Plano Diretor e a Lei de Zoneamento são instrumentos fundamentais: definem onde o crescimento é permitido e quais áreas devem ser preservadas, como as Zonas Especiais de Preservação Ambiental (ZEPs).

Além disso, é essencial que o poder público defina claramente as Áreas de Preservação Permanente (APPs), conforme o Código Florestal (Lei nº 12.651/2012), protegendo margens de rios, encostas e nascentes. Também é indispensável integrar o crescimento urbano ao Plano Municipal de Saneamento Básico, garantindo abastecimento de água, coleta e tratamento de esgoto e drenagem pluvial adequadas para as novas áreas habitadas.

Licenciamento ambiental: obrigação, não formalidade

Nenhum loteamento urbano pode avançar sem licenciamento ambiental. Trata-se de um processo obrigatório e essencial para assegurar que o empreendimento seja viável do ponto de vista ecológico e social. O processo ocorre em três etapas principais:

- Licença Prévia (LP): avalia a viabilidade ambiental e define as condicionantes iniciais;
- Licença de Instalação (LI): autoriza o início das obras, após aprovação das medidas de controle de impacto;
- Licença de Operação (LO): concedida somente quando todas as exigências forem comprovadamente atendidas.

Mais do que uma formalidade burocrática, o licenciamento é o que separa o desenvolvimento responsável da simples especulação imobiliária.

Estudo de impacto e compensações ambientais

Antes da concessão das licenças, cada projeto deve passar por uma avaliação técnica detalhada. Em casos de maior porte ou risco ambiental, é exigido o Estudo de Impacto Ambiental e o Relatório de Impacto Ambiental (EIA/RIMA), que analisam os efeitos do empreendimento e propõem soluções.

Entre as medidas mitigadoras estão:

- preservação de áreas verdes dentro dos próprios loteamentos;
- sistemas de drenagem eficientes;
- controle de erosão;
- arborização urbana;
- programas de educação ambiental.

Além disso, a arborização precisa ser planejada com responsabilidade, considerando espécies adequadas ao clima, ao solo e ao



espaço urbano, evitando problemas futuros como rompimento de calçadas, danos em redes elétricas, tubulações de esgoto, drenagens ou fundações de residências. O uso de espécies nativas do Cerrado contribui para a biodiversidade, exige menos irrigação e promove microclimas saudáveis. A arborização correta não é apenas estética, é infraestrutura ecológica, climática e social.

Arborização Urbana Planejada

Espécies ideais para Paracatu (preferencialmente nativas do Cerrado)

Recomendadas por possuírem raízes menos agressivas, boa adaptação climática e baixo impacto estrutural:

- Ipê-amarelo, ipê-roxo e ipê-rosa
- Jacarandá-mimoso
- Barú (Dipteryx alata)
- Aroeira (Schinus terebinthifolia)
- Jatobá-do-Cerrado
- Angico
- Pau-santo
- Pequi
- Sombra-de-touro
- Tamboril

Benefícios ambientais:

- Mantém a biodiversidade local
- Demandam menos manutenção e irrigação
- Colaboram com infiltração da água
- Criam sombreamento equilibrado
- Atraem polinizadores e fauna nativa

Espécies que devem ser evitadas em áreas urbanas ou próximas a edificações

Por possuírem raízes agressivas, alto porte, risco de queda, consumo elevado de água ou impactos negativos à fauna:

- Ficus (figueiras)
- Eucalipto
- Pinus
- Oiti
- Algaroba / Prosopis
- Amendoeiras
- Nim indiano (Azadirachta indica)
- Castanheiras exóticas
- Espátódeas (tóxicas para abelhas nativas)

Diretrizes técnicas fundamentais

Consultar profissionais especialistas antes do plantio;

Respeitar recuos, calçadas permeáveis e distâncias mínimas;

Evitar plantio próximo a redes subterrâneas e aéreas;

Priorizar manejo e poda formativa, não mutilações;

Planejar arborização integrada ao sistema de drenagem.

Crescer, sim. Mas com responsabilidade.

A expansão urbana é inevitável, mas precisa ocorrer dentro de limites claros e com respeito à natureza. O crescimento de Paracatu, assim como o de qualquer cidade, não pode ser apenas um dado no mapa imobiliário. Deve ser um pacto entre sociedade, governo e empreendedores pela qualidade de vida, pela preservação das águas e pelo equilíbrio do território.

Porque, no fim das contas, o verdadeiro progresso não se mede pelo número de novos loteamentos, mas por nossa capacidade de crescer sem destruir aquilo que nos mantém vivos: o meio ambiente.

Prefeitura reforça o combate à dengue: quando a prevenção é um gesto de cuidado coletivo



Os agentes de saúde voltaram às ruas. No trânsito, pediram autorização aos motoristas e escreveram “XÔ DENGUE” nos para-brisas; nos bairros, bateram às portas, conversaram olho no olho com a população. Porque enfrentar a dengue é, antes de tudo, um ato de comunidade. Não há estratégia mais eficaz do que a prevenção, e ela só acontece quando cada casa, cada quintal e cada pessoa compreende seu papel na proteção da cidade.

A dengue não chega sozinha. Ela se espalha pelas frestas da rotina, pelos descuidos do dia a dia, pela falsa impressão de que pequenos focos não fazem diferença. Fazem, e muito. Um único recipiente com água parada é suficiente para transformar o mosquito *Aedes aegypti* em ameaça real.

Por isso, o combate começa onde todos podem agir: dentro de casa. Nas calhas limpas, nos pratos de plantas sem água, nas garrafas viradas para baixo, no lixo descartado corretamente, nas caixas d'água bem fechadas. Cada gesto é uma barreira erguida antes que a doença se instale. Cada cuidado, uma forma silenciosa de proteger vidas.

Mas prevenção também é proteção pessoal. Repelente na pele, roupas adequadas, telas nas janelas, mosquiteiros



nos quartos, pequenas rotinas que afastam grandes riscos. E quando os agentes de saúde baterem à porta, receba-os: eles carregam informação, orientação e a força de uma política pública que só funciona quando encontra braços estendidos.

A luta contra a dengue é feita de ações simples, mas exige algo maior: consciência coletiva. Não basta que alguns cuidem é preciso que todos se comprometam. O mosquito não respeita muros, mas a responsabilidade compartilhada constrói barreiras muito mais fortes do que qualquer inseticida.

Como evitar a proliferação do mosquito

- Elimine qualquer acúmulo de água em pratos de plantas, pneus, garrafas e recipientes diversos.
- Mantenha calhas, ralos e quintais limpos.
- Tampe caixas d'água, tonéis e reservatórios.
- Descarte o lixo corretamente, sempre em lixeiras tampadas.
- Se tiver piscina, mantenha-a tratada e coberta.

Como se proteger da picada

- Use repelente nas áreas expostas da pele.
- Prefira roupas claras e que cubram o corpo.
- Instale telas em portas e janelas.
- Use mosquiteiros, principalmente em casas com crianças ou idosos.

Outras ações essenciais

- Participe das campanhas de prevenção e receba os agentes em casa.
- Denuncie focos de mosquito à vigilância sanitária.
- Mantenha a vacinação atualizada, conforme orientação do Ministério da Saúde.
- Ao apresentar sintomas, evite automedicação e procure atendimento de saúde.

A dengue não é um desafio apenas da saúde pública, é um desafio de todos. E quando uma cidade inteira se une, o mosquito perde força, a vida ganha espaço e a prevenção se transforma em um pacto de cuidado mútuo.

Quando a noite ganha pista: paracatu ilumina o futuro da aviação

Balizamento luminoso e instalação do PAPI marcam o início da modernização que permitirá voos noturnos no Aeroporto Municipal



A manhã de 1º de dezembro entrou para a história recente de Paracatu como um desses momentos em que a cidade parece respirar futuro. No Aeroporto Municipal Pedro Rabelo de Souza, foi assinada a Ordem de Serviço que autoriza a instalação do sistema de balizamento luminoso e o processo de homologação do PAPI, instrumento que auxilia o piloto a manter o ângulo de aproximação correto durante o pouso. O gesto, simbólico e técnico ao mesmo tempo, inaugura um ciclo de modernização que promete transformar a dinâmica aeroportuária local.

O projeto, conduzido pela Secretaria Municipal de Transporte, representa mais do que um avanço operacional: é um investimento direto na mobilidade, na segurança de voo e no desenvolvimento econômico da região. A obra contempla balizamento luminoso completo da pista e taxiway, farol rotativo, biruta iluminada e uma robusta modernização elétrica, que inclui regulador de corrente constante e um gerador de 55 kVA — infraestrutura indispensável para viabilizar pousos e decolagens no período noturno.

“O Aeroporto de Paracatu não comporta voos noturnos hoje. Já fizemos investimentos importantes, como o cercamento da pista, e agora avançamos com o balizamento e o PAPI, garantindo mais segurança para os pilotos e benefícios diretos para a população”, afirmou o secretário de Transporte, Gabriel Claudino, ao destacar a relevância da obra.

Após a conclusão da instalação, terá início o processo de homologação, que pode se estender por até seis meses, seguindo rigorosamente as normas técnicas da ANAC e do DECEA previstas no RBAC 154. Somente após essa etapa os sistemas poderão entrar oficialmente em operação.

Para o prefeito Igor Santos, a modernização do aeroporto é estratégica e acom-

panha o ritmo acelerado de crescimento do município. “Estamos dando um passo importantíssimo. Quando assumimos, Paracatu era a 28ª economia de Minas. Hoje somos a 9ª. Para acompanhar esse crescimento, precisamos preparar a cidade. O voo noturno é fundamental para atender demandas emergenciais de saúde e para impulsionar negócios. Queremos ver Paracatu crescer, gerar oportunidades e oferecer mais serviços. Essa obra é parte do futuro que estamos construindo”, destacou.



Em meio às falas técnicas e projeções de desenvolvimento, uma lembrança ganha força, a do espírito visionário de Alberto Santos-Dumont, que dizia: “Não podemos duvidar dos sonhos; eles são o princípio da realidade”. A frase, deslocada no tempo, mas perfeitamente ajustada ao presente, sintetiza o que o novo aeroporto representa: uma cidade que ousa sonhar mais alto.

E Paracatu, agora iluminada também pela tecnologia que permitirá o voo no silêncio da noite, prepara sua pista para que novos sonhos decolem.



Coopervap colhe inovação e sustentabilidade com novos implementos do PRS–Cerrado

Entre a técnica e a terra, equipamentos compartilhados chegam para fortalecer produtores, reduzir impactos ambientais e ampliar a produtividade no coração do bioma Cerrado



A Coopervap foi beneficiada, nesta nova fase do Projeto Rural Sustentável – Cerrado (PRS Cerrado), com um conjunto de implementos agrícolas que reforça o trabalho coletivo dos seus associados e imprime mais eficiência às práticas produtivas da região. Em um território onde cada safra dialoga com o clima e a paisagem, a chegada desses equipamentos simboliza não apenas avanço técnico, mas também cuidado com o futuro do solo, da água e da vida no campo.

Foram adquiridos cinco pulverizadores agrícolas, dois distribuidores de fertilizantes e uma semeadora pendular, todos destinados ao uso compartilhado pelos cooperados. A iniciativa amplia a capacidade operacional, racionaliza recursos e incentiva a adoção de tecnologias mais sustentáveis nas propriedades atendidas pela cooperativa.

O Projeto Rural Sustentável – Cerrado é financiado pela Cooperação Técnica BR-T1409, aprovada pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Os recursos são provenientes do Financiamento Internacional do Clima, do Governo do Reino Unido, com o Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA) como beneficiário institucional. A execução e a administração técnica, financeira e fiduciária estão sob responsabilidade do

Instituto Brasileiro de Desenvolvimento e Sustentabilidade (IABS), por meio do Convênio BID – IABS ATN/LC-1708-BR. A Embrapa atua na coordenação científica, enquanto a Associação Rede ILPF oferece apoio técnico às ações em campo.

O objetivo central do PRS Cerrado é mitigar as emissões de Gases de Efeito Estufa (GEE) e aumentar a renda de pequenos e médios produtores, incentivando a adoção de tecnologias sustentáveis, sistemas integrados de produção e práticas que conciliem produtividade e conservação ambiental.

Com o apoio concedido nesta etapa, a Coopervap reforça seu compromisso com um desenvolvimento rural responsável e inovador. Na prática, os novos implementos irão facilitar a adoção de técnicas mais eficientes, reduzir custos operacionais, ampliar a produtividade e acelerar a transição para modelos produtivos sustentáveis, em consonância com as diretrizes do projeto.

Mais do que máquinas, chegam instrumentos de transformação. São ferramentas que, ao tocarem a terra, escrevem uma nova narrativa para o Cerrado: a de um agronegócio que cresce com consciência, fortalece comunidades e respeita a paisagem que o sustenta.

Onde a terra ensina e a esperança prospera: o encontro que encerrou atividades do Comitê Educativo de 2025

Com fé, técnica e união, cooperados celebram o fim das atividades de 2025 em um Dia de Campo que transformou aprendizado em futuro



A Coopervap escolheu encerrar as atividades do Comitê Educativo de 2025 não apenas com uma reunião, mas com um gesto simbólico: reunir gente que planta, cria, trabalha e acredita, no mesmo chão onde o conhecimento nasce e se multiplica. Integrado ao Dia de Campo do Projeto Rural Sustentável, Cerrado, em Paracatu, o último encontro do ano aproximou cooperados, produtores, parceiros e representantes de instituições que pensam o desenvolvimento rural como uma construção coletiva.

Havia, no ar, um misto de cansaço e esperança. 2025 foi um ano duro, de economia apertada e desafios persistentes, mas também um período de união, de mão estendida e de caminhos partilhados. A manhã começou com inscrições e um café que aquecia mais que o corpo: lembrava a força de uma comunidade que segue em frente porque caminha junto.

A abertura, conduzida por Ciro Eduardo Corrêa (Rede Terra) e Lucas Godinho, monitor do projeto no Noroeste de Minas, reforçou algo simples e essencial: capacitação não se faz apenas com teoria, mas com o pé na terra, a mão na cerca, o olhar atento para o gado, o solo, a água. O conhecimento vive mesmo é no campo.

A Diretoria da Coopervap também deixou sua marca. O vice-presidente Lionel Oliveira trouxe palavras de reconhecimento e firmeza ao lembrar o esforço da cooperativa em apoiar seus produtores, destacando a bonificação de fidelidade de 30 centavos como exemplo concreto de compromisso. “A Coopervap só existe por causa do produtor. Aqui decidimos sempre olhando para vocês”, afirmou, num tom

que misturava responsabilidade e carinho.

O presidente Valdir Rodrigues trouxe um momento de oração, e de pausa, que fez muitos baixarem a cabeça não por tristeza, mas por gratidão. Reforçou o impacto do Projeto Rural Sustentável, a parceria sólida com a EMATER e a força do cooperativismo, esse pacto silencioso que garante que ninguém fique para trás. “Quando teoria encontra prática, o resultado acontece. O produtor ganha, o campo ganha e o meio ambiente agradece.”

As fileiras de cadeiras se tornaram sala de aula ao ar livre quando o extensionista Walter Assunção (EMATER) iniciou sua palestra técnica, oferecendo orientações claras e aplicáveis sobre bovinocultura, conhecimento que, dali mesmo, já parecia seguir de caminhonete para os currais de cada propriedade.

O encontro terminou como terminam os bons ciclos: com almoço compartilhado, conversas sem pressa e a sensação de que 2025 foi vencido não pela força de um, mas pelo esforço de todos. Entre pratos, risadas e despedidas, ficou a certeza de que a terra retribui quando é tratada com cuidado, e que o futuro, assim como a colheita, se constrói no coletivo.

Gratidão, aprendizado e esperança: foi assim que se fechou as atividades do Comitê Educativo de 2025. E é assim que começa, silenciosamente, o próximo.



**A ASSEMBLEIA
DESBLOQUEOU
7 BILHÕES
DOS FUNDOS
DE SAÚDE...**

**TRADUÇÃO:
OS DEPUTADOS
ESTADUAIS LIBERARAM
7 BILHÕES DE REAIS
PARA A SAÚDE
EM MINAS GERAIS.**

As deputadas e os deputados estaduais atuam em mais áreas do que você imagina. Por exemplo, eles criaram uma lei que liberou 7 bilhões de reais dos saldos dos fundos de saúde. Um dinheiro que agora já está sendo usado pelos municípios para construção de hospitais, contratação de médicos, compra de ambulâncias e muito mais.

Esse é o trabalho da Assembleia.
Melhorar a vida das pessoas.

**QUER SABER MAIS?
ACESSE O QR CODE
E PODE CONFERIR.**

ALMG.GOV.BR/LEIDASAUDE

**ASSEMBLEIA
LEGISLATIVA
DE MINAS GERAIS**

Poder e voz do cidadão

Facebook Twitter Instagram YouTube

Mais
que um
BANCO
a nossa cooperativa
de crédito!



SICOOB CREDICOPA

Cooperativa de Crédito



@sicoobcredicopa